MARCO ANTÓNIO
COM FOTOGRAFIA DE JÚLIO BARULHO



TESTEMUNHOS DE OURO

COMITÉ PARALÍMPICO
PORTUGAL

TESTEMUNHOS DE OURO

Título: TESTEMUNHOS DE OURO

Autoria: Marco António

Fotografia: Júlio Barulho

Capa: Marco António (conceito), Júlio Barulho (fotografia), António Jacinto (edição)

Edição fotográfica: António Jacinto

1ª Edição (formato digital): Agosto de 2012

ISBN: 978-989-97990-0-4

© 2012 Marco António/Júlio Barulho
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

Escrito de acordo com a antiga ortografia

Marco António
www.marcoantonio.pt

Júlio Barulho
www.flickr.com/photos/jjbarulho/

Comité Paralímpico de Portugal
Rua do Sacramento, Nº 4 - R/C
Fanqueiro, 2670-372 Loures

Tel.: +351 219 886 552 Fax: +351 219 884 318

geral@comiteparalimpicoportugal.pt

www.comiteparalimpicoportugal.pt



MARCO ANTÓNIO

COM FOTOGRAFIA DE JÚLIO BARULHO

TESTEMUNHOS DE OURO

COMITÉ PARALÍMPICO
PORTUGAL

Índice

Prefácio 6
Testemunhos
- Carlos Lopes 8
- Luís Carlos Gonçalves 18
- Carlos Baptista Pereira 26
- Sara Duarte 34
- Luísa Silvano 42
- Bento Amaral 51
- Lenine Cunha 60
- Hugo Passos 67
- Mário João Peixoto 74
- José Carlos Macedo 83
- Leila Marques 91
- Marco António 100

Prefácio



por Humberto Santos,
Presidente do Comité Paralímpico de Portugal

O livro "Testemunhos de Ouro" é na realidade um registo imemorável de personalidades fortes que desocultaram a sua existência e o seu processo de afirmação pessoal através da sua atividade desportiva em geral e dos paralímpicos em particular.

Estamos perante um compêndio de memorias de vidas que marcam pela sua singularidade, face às peculiaridades de percursos que são marcados pela determinação, pela emoção, pela capacidade de superação, pelo querer, que abala positivamente a existência de cada um dos protagonistas deste livro.

Estamos pois perante o relato de vidas que tinham tudo para serem comuns e anónimas, mas cuja a práxis quotidiana ancorada numa indubitável objetividade fez reverter os respetivos trajetos de vida.

"Testemunhos de Ouro" oferece-nos a possibilidade de passarmos a conhecer trajetórias de simples cidadãos que se tornaram referencias, são-nos desocultados trilhos de sucesso, alicerçados em vivência comuns, com momentos de receios, de duvidas, de revés, mas também os sucessos e aí regista-se a grande diferença, o recurso a uma força demolidora que suporta a ação quotidiana de quem tudo tinha para desistir mas que optou por lutar e vencer, transformando-se assim em rostos que outrora eram absolutamente desconhecidos e agora são para todos nós verdadeiros exemplos. A todos eles um registo de agradecimento.

Uma nota final para quem acreditou e concretizou este volume, ao Marco António e ao Júlio Barulho, enquanto autores, o reconhecimento pelo empreendimento naquele que será incontornavelmente um contributo para a história do movimento paralímpico e para a vida de todos nós.

Para todos os que se superam,
todos os dias.

Para a minha mulher, Carmen
(este projecto também é – e muito! – dela)
e para a minha filha, Benedita.
Não há palavras de agradecimento
suficientes por aquilo que faz tão bem,
sem esforço algum. Fazer-me feliz.



Carlos Lopes
7 de Novembro de 1968
Ex-Atleta
Deficiência Visual

«Há uma fase em que nos questionamos. Mas depois também há uma fase em que começamos a perceber que não vale a pena viver com aquilo que não temos. Começamos a perceber que temos que valorizar sobretudo aquilo que temos e não ganhamos muito – ou não ganhamos mesmo nada – ao lamentarmo-nos constantemente sobre aquilo que não temos.»

* * *

Poderá haver outras – até melhores – definições de superação. Dou isso "de barato". Mas esta, simples e directa, vem de quem melhor entende do assunto e, por isso, considero-a excepcional.

Carlos Lopes – cego, agora ex-atleta de alta competição – é um dos desportistas portugueses mais medalhados de sempre[1]. Na verdade, Carlos não sabe ao certo quantas medalhas conquistou em cerca de vinte anos de provas de Atletismo. Aliás, à pergunta sobre se poderia dar um número aproximado de medalhas conquistadas seguiu-se um sorriso, um vago *«Não sei…»* e depois um longo silêncio, de quem conta, mentalmente. Até que o som das contas começa a ser audível.

«… Só em Campeonatos do Mundo serão… Em 90, foram três; 94, duas; 98,… três; 2002, quatro, contando com as estafetas; 2003, três, também contando com a estafeta... e 2007, … estafeta também e 2006, estafeta também… Não sei. Não contei. Só em Campeonatos do Mundo.» E em Campeonatos da Europa, vale a pena perguntar? *«Não. São mais ainda.»*[2] Mas garante que tem espaço para todas elas, acima de tudo, nas memórias.

---

[1] - Nos registos paralímpicos portugueses, Carlos Lopes (5 medalhas paralímpicas) só é superado por Carlos Amaral Ferreira (Futebol e Atletismo), com 6 medalhas, António Carlos Martins (Atletismo), também com 6, António Marques (Atletismo e Boccia), heptamedalhado, e Paulo de Almeida Coelho, igualmente com sete medalhas em Jogos Paralímpicos.

[2] - Nos registos da Federação Portuguesa de Desporto para Pessoas com Deficiência (FPDD) constam 18 medalhas de Ouro, 12 de Prata e 6 de Bronze, conquistadas em Campeonatos da Europa, Campeonatos do Mundo e Jogos Paralímpicos

A correr desde… sempre

Às memórias recorre também para falar do problema congénito que, em termos de visão, lhe permite hoje (e desde os 20 anos de idade) ter apenas alguma percepção de luz, nada mais.

Nem sempre foi assim. Até aos 15/16 anos conseguiu – durante o dia – fazer uma vida que considera mais ou menos "normal". *«Consegui andar de bicicleta, fazer as aulas de Educação Física, ter uma infância de "menino de rua" – no bom sentido – porque a pouca visão que tinha me permitia ter alguma autonomia, durante dia; de noite, não.»* Nessa altura, Carlos conseguia ver cores, deslocar-se na rua sem qualquer tipo de ajuda e fazer várias coisas que uma pessoa sem problemas de visão conseguia fazer. Depois disso, a atrofia do nervo óptico e a falta de estímulo à retina ditaram que a visão se reduzisse, lentamente, mais e mais. Mas o momento em que Carlos Lopes se tornou – para si próprio – cego veio bastante mais tarde. *«Foi o momento a partir do qual eu comprei uma bengala e passei a utilizar uma bengala na rua. E isso só aconteceu quando tinha 20 anos. Para mim, esse é o momento em que socialmente eu assumo que deixei de ver.»*

Foi nesse ano (1988) que começou a carreira como atleta, muito embora as correrias, essas, (até com tempo "contado"!) tenham começado bem mais cedo.

«Sempre gostei de correr. Lembro-me de fazer o meu percurso para a escola muitas vezes a correr, e a cronometrar os meus tempos, de casa à escola. A minha casa ficava a dois quilómetros da escola e muitas vezes tinha que fazer esse percurso quatro vezes, nos dias em tinha aulas de manhã e de tarde.» E o tempo cronometrado? *«Uns sete minutos, bem cronometradinhos! Claro que, às vezes, tinha os semáforos e tinha ali uma série de coisas que me criavam alguns obstáculos… mas pronto. Aquilo era sempre a dar-lhe! (risos)».*

Em miúdo, para além das correrias e de andar sempre a brincar na rua, entrava em jogos que *«hoje já não se utilizam»*, como "Futebol Humano" e o "Jogo dos Quadrados". Admite que deu alguns "espalhanços", normais para a idade, nos jogos, nas brincadeiras, a jogar à bola e a andar de bicicleta. Mas também lembra que teve cautela, *«como sabia que tinha um problema de visão, acabava por não me aventurar tanto»*, e isso valeu-lhe mesmo dar menos "espalhanços" que pelos colegas e amigos.

Mudança de vida

Em Outubro de 1988, entrou na faculdade em Lisboa e, por indicação de amigos, soube da existência de uma equipa de atletas com deficiência visual que treinava no Estádio Universitário. *«Bom, eu disse logo "Isso é para mim!" Portanto, eu entrei na faculdade em Outubro e em Outubro comecei a treinar.»* Começou apenas aos Sábados mas logo que tomou soube da hipótese de disputar provas internacionais, a ambição, falou mais alto. *«Eu lembro-me que, passados dois meses, já estava a treinar Quartas e Sábados e, passados três ou quatro meses, estava a treinar todos os dias.»*

Começou a treinar em Outubro de 1988 *«… e participo na minha primeira prova internacional em Agosto de 1989, logo num Campeonato da Europa»*. Uma prova marcante para Carlos e para o país porque *«foi a primeira medalha de Prata para Portugal! Foi a primeira medalha de Prata do Atletismo de cegos. Numa prova de 800 metros. Foi uma prova completamente doida! Corri com um atleta-guia suíço – nós não tínhamos atletas-guia em Portugal – que se esforçou muito por aprender a falar Português para falar comigo durante a prova, para me dizer "Recta!", "Curva!", "Vamos em primeiro! Vamos em segundo! Vamos em terceiro!…" Mas eu não me recordo de nada. Lembro-me dos primeiros 200 metros, depois o resto apagou-se da minha memória. Lembro-me dos últimos 150 metros, do suíço a gritar por mim em Francês, a dizer "Vamos! Vamos! Vamos! Vais em segundo!" e depois pediu-me desculpa, porque durante a prova se tinha esquecido de tudo o que tinha aprendido em Português. Foi uma prova fantástica! Lembro-me de ter acabado e de me pôr aos pulos e perceber "Mas afinal, espera aí! Eu acabei a prova tão estoirado e agora já não estou cansado? As emoções têm destas coisas.»*

Do nome do guia suíço não se lembra; recorda apenas que era um engenheiro. Mas se hoje o encontrasse, voltava a agradecer-lhe e dir-lhe-ia que foi uma das grandes experiências que viveu em 20 anos de Atletismo, diz Carlos Lopes, até porque foi o primeiro grande momento da sua carreira como atleta internacional.

Altos e baixos

Depois da fasquia posta bem alto, nesses Europeus, logo na primeira experiência "fora-de-portas", a questão era se manteria o nível. Carlos não só manteve o nível como elevou a fasquia ainda mais alto… e de que maneira! Em 1990, nos Campeonatos do Mundo, conquistou três (!) medalhas de Ouro – nas provas de 200, 400 e 800 metros – tornando-se a grande surpresa e revelação desses Mundiais, na Holanda.

Em 91, mais um Campeonato da Europa bem sucedido e em 92 *«sou Campeão Paralímpico de 200 e 400 metros, com recorde do mundo aos 200 metros. Em 94, volto a ser Campeão do Mundo de 200 e 400 metros, com recordes do mundo nas duas disciplinas.»*

Mas em 1995 algo (se não tudo) mudou. Carlos confessa hoje, à distância do tempo, que, por essa altura, ganhar já não lhe trazia qualquer satisfação. As pessoas já esperavam que ele vencesse as provas em que participava. Ao fim de quase sete anos a competir, correr (e ganhar) tornou-se praticamente um acto mecânico. *«Lembro-me de sentir isso perfeitamente, num Campeonato da Europa em Valência* [Espanha]*, em 95. Eu ganhei uma prova de 400 metros que não me deu prazer algum. Eu acabei a prova e pensei "Esta já está." Ganhei os 400 metros e fiquei em segundo nos 200 metros – numa prova espectacular, em que, tanto eu como o atleta que ganhou, batemos o recorde do Mundo – e as pessoas nem sequer me felicitaram por ter feito o segundo lugar numa prova que foi extraordinária, em que bati o recorde do Mundo e o meu recorde pessoal. Pelo contrário, depois ganhei a prova dos 400 metros e não senti prazer nenhum.»* Uma consequência, diz, da mistura das elevadas expectativas das pessoas (que já esperavam muito de Carlos Lopes) e das suas próprias.

A juntar a essa perda de prazer na competição, em 1996 uma dupla canelite obrigou-o, primeiro, a parar durante três meses, e depois a treinar com interrupções durante quase todo o resto do ano. Ou seja, em ano olímpico/paralímpico (Jogos Paralímpicos de Atlanta, Estados Unidos), Carlos acabou por não ganhar uma única prova; nem em Portugal, nem no estrangeiro. Ainda chegou aos "Jogos", em Atlanta, ainda esteve à frente na prova de 400 metros até à entrada dos últimos 100 mas foi traído pela ansiedade. *«Parece que estava a correr para trás e acabei por ficar em terceiro.»* Nos 200 metros, o nervosismo levou-o a fazer uma falsa partida e, por fim, a terminar a final como último classificado. *«A lesão começou por ser física e depois acabou por se tornar num factor psicológico, de grande ansiedade.»* O que, bem vistas as coisas, sendo Carlos licenciado em Psicologia, podia até ter sido solucionado com alguma facilidade. Mas não. O atleta, que um dia quis ser médico mas acabou por se tornar psicólogo realizado profissionalmente, conhecedor das teorias e das técnicas a utilizar em casos semelhantes, sabia também como contornar o "tratamento". E Carlos resume a questão a um dito popular: *«Em casa de ferreiro, espeto de pau.»*

O regresso às vitórias

A perda de prazer em competir, a lesão, a pressão do país que, segundo o próprio atleta, já esperava dele apenas vitórias *(«Só era bom quando o Carlos tinha uma medalha de Ouro!»*) e a ansiedade, tudo somado, acabaram por ditar dois anos sem triunfos. Chegou a ponderar o fim da carreira, por não render em prova o mesmo que nos treinos. Mas uma prova de 800 metros no "*Meeting* de Sto. António", em Lisboa, que venceu, marcou a viragem nesses dois anos maus e a carreira voltou ao que era, antes dos problemas.

Nos Jogos Paralímpicos de Sidney (em 2000), Carlos Lopes ainda passou por momentos de *«grande ansiedade»* mas que superou, voltando a ser Campeão Paralímpico dos 400 metros. Seguiram-se mais títulos, europeus e mundiais; pelo meio, Atenas 2004 não foi de grande memória, ficando fora das medalhas.

北京的坏运气 [3]

No dia 24 de Maio de 2008, o Carlos tomou a decisão de abandonar a competição. Iria a Pequim, em Setembro, mas no final dos "Jogos", punha um "ponto final" na sua carreira desportiva. *«Estava mais ou menos pensado, que eu iria terminar a minha carreira em Pequim. Só que, entretanto, aceitei fazer parte de uma lista candidata às eleições da ACAPO – a Associação de Cegos e Amblíopes de Portugal – e eu sabia que se a minha lista ganhasse as eleições em Maio dificilmente poderia continuar a treinar.»* Assim aconteceu, de facto. As eleições aconteceram em Maio, Carlos Lopes tomou posse em Junho como Presidente da ACAPO e, a partir daí, repartindo o tempo entre a associação, o emprego na Câmara Municipal de Vila Franca de Xira[4] e a actividade desportiva, a disponibilidade para treinar baixou drasticamente. E confessa: *«Sabia perfeitamente que era o meu último ano.»*

Por isso, depositou muitas esperanças na sua última grande competição. Pequim 2008 significava o fim de um ciclo na vida do Carlos e no desporto paralímpico em Portugal. Isso era sabido e tornava esses Jogos ainda mais especiais.

---

[3] - Tradução: Pequim da má sorte (em Mandarim)

[4] - Como Psicólogo, coordena um Gabinete de Orientação Escolar na autarquia vilafranquense

Mas acabaram por não ser aquilo que o Carlos sonhou e que todos estavam à espera. *«Não, não foram. E não foram por manifesta pouca sorte. Porque poderiam bem ter sido. E eu digo que poderiam bem ter sido por que tínhamos uma selecção fantástica na prova de 4x100m, na Estafeta. Se as coisas nos tivessem corrido dentro do normal – nem estou a pedir nada de extraordinário, ainda em Junho tínhamos batido o recorde da Europa – se as coisas nos tivessem corrido minimamente bem, poderíamos ter ficado em segundo ou em terceiro lugar na Estafeta. O primeiro, não sei, nunca se sabe. Mas o segundo ou o terceiro, se as coisas nos tivessem corrido minimamente normais, estaria perfeitamente ao nosso alcance.»* A condicionante da prova ser corrida à noite, conjugada com o facto de dois dos elementos da equipa serem amblíopes, a correr sozinhos (os outros dois, cegos, corriam com atletas-guia), fazia com que as circunstâncias não fossem favoráveis. A iluminação artificial de um estádio à noite, por muito intensa que seja, não substitui a luz solar, explica o Carlos. E isso pode fazer toda a diferença num caso destes. *«Quando me disseram que a prova da Estafeta ia ser feita a noite, eu fiquei logo muito apreensivo. Aliás, já em 2007 isso aconteceu em São Paulo [Brasil]. Também passámos por uma aflição muito grande, porque houve ali uma grande atrapalhação na entrega do testemunho e voltou a acontecer o mesmo!»* As hipóteses de uma medalha nas Estafetas caíram naquele momento por terra, na pista do "Ninho de Pássaro"[5].

Um momento de infortúnio acabou, afinal, por marcar o adeus do Carlos Lopes à competição. *«Eu quando olho para Pequim já o faço com um certo distanciamento e é curioso que eu, embora tenha feito o meu melhor em Pequim – como é óbvio, porque ninguém está nos Jogos Paralímpicos para não dar o seu melhor – também é verdade que eu já estava ali com um certo distanciamento. É lógico que vibrei, é lógico que me custou bastante – até há uma famosa reportagem da televisão em que eu apareço com as lágrimas nos olhos – mas já sabia que eram os meus últimos Jogos Paralímpicos e que era o fim de uma carreira. Custou-me bastante mas também tenho um conjunto de êxitos que me permitem olhar para trás, não com mágoa, mas sentido que consegui alcançar os meus objectivos. Mas o Atletismo é isto. Há momentos bons, há momentos maus. Só é pena que um dos momentos maus tenha sido o último, mas acontece.»*

---

[5] - O Atletismo nacional viria a conquistar 3 medalhas em Pequim: duas de Prata, por Carlos Ferreira (nos 10.000m e na Maratona – T11) e uma de Bronze, por José Alves (nos 400m – T13)

Fora das pistas

Terminada a carreira nas pistas, Carlos tem agora mais tempo para a família, para o emprego e para a sua actividade na ACAPO (onde, de resto, se realizou esta entrevista). Um cargo a que junta o de Vice-Presidente do Comité Paralímpico de Portugal. Ou seja, isso equivale a dizer que continua, como sempre, a cronometrar o seu dia. A diferença é que deixou de ter a "obrigação" de se equipar para correr e de passar por alguns rituais que, confessa, já o deixavam algo saturado. *«O treino continuava a dar-me muito prazer – e continua. Era mais o ter de andar todos os dias com a mochila às costas, ter que vir a chover para o estádio, depois, o meu cão-guia encharcado… Por isso, eu acho que deixei o Atletismo na altura certa.»*

O Carlos é casado com a Maria João. Uma licenciada em Antropologia que também sofre de problemas de visão (embora tenha alguma autonomia) que conheceu num curso de formação.

No entanto, na maior parte do dia, o Carlos está com "outra". Não uma mulher mas, ainda assim, uma senhora. De seu nome Gucci, com nove anos de idade, há seis que é a cadela-guia de um Carlos Lopes rendido às evidências. *«Que pena tenho eu de não ter tido um cão nos meus 18 anos, nos meus 15, nos meus 16 anos. Que pena tenho eu. A Gucci é quase a minha filha porque, para além de ser uma excelente amiga e de ser uma companhia, eu tenho no meu site*[6] *uma frase: "A Gucci devolveu-me o prazer de voltar a andar na rua!" Isso é a verdade. E, para além disso, o facto de andarmos com um cão-guia na rua muda substancialmente o modo como as pessoas olham para nós. A pessoa cega deixa de ser o primeiro plano, os comentários "Ai, coitadinho, é ceguinho, venha por aqui, chegue-se para ali…" desaparecem quase por completo e o primeiro plano passa a ser a Gucci.»* No entanto, isso nem sempre pode ser uma vantagem. Em Junho de 2009, já depois da realização desta entrevista, a Gucci foi protagonista de um incidente com a TAP que fez com que o Carlos ficasse retido em França, devido à proibição por parte do comandante do avião de que a Gucci subisse a bordo sem açaime. O caso, amplamente noticiado, foi resolvido com prontidão, com um pedido de desculpas da transportadora aérea, mas fez levantar de novo a questão da sã convivência de todos os sectores da Sociedade com os portadores de deficiência.

[6] - http://carloslopes.no.sapo.pt

O novo ciclo

Carlos Lopes deixou definitivamente a competição e, como diz, tem espaço nas suas memórias para recordar o que viveu em pista. Como a final dos 400m em Barcelona '92, em que fez 300m *«malucos»* e depois *«mandei um "estoirão" imenso, nos últimos 100m, que fui por ali a arrastar-me, a arrastar-me… e o meu atleta-guia a dizer-me "Vai! Vai! Vai!", mas ele já não dava mais também… e o atleta cubano vinha mesmo ali atrás e o atleta-guia vinha a gritar para ele… e eu a querer, a querer, a querer… e lembro-me de acabar e não dar mais um passo… e lembro-me da volta de honra, que me custou tanto ou mais do que a prova!... foi uma dificuldade tremenda para levantar os braços e para levantar a bandeira. Nunca mais me esqueço disso.»*

Em fecho de ciclo, impõe-se a pergunta: Faria tudo igual? *«Claro! Claro que faria! Aprendi muito com o Atletismo, aprendi muito com o desporto»* e elege Sidney 2000 (em que conquistou duas medalhas de Ouro, nos 400m e na Estafeta 4x400m) como o momento mais feliz da sua carreira.

Conta poder ir a Londres em 2012… mas apenas como membro do Comité Paralímpico Português *«e espero nessa qualidade poder estar a acompanhar os atletas portugueses. Aliás, um dos meus sonhos seria estar nuns Jogos Paralímpicos, não como atleta.»*

A quem vier, depois dele, deixa a mensagem: *«Descubram as vossas capacidades e percebam que por vezes podemos ir muito além daquilo em que acreditamos. Aos que já estão no desporto, aquilo que lhes digo é, sobretudo, que tenham prazer naquilo que fazem, porque enquanto assim for, teremos força e paciência para ultrapassar uma série de coisas que durante uma carreira ou uma época desportiva vão acontecendo.»*

Segundo o próprio, sem o Carlos Lopes, o desporto paralímpico português *«fica bem. Acho que fica bem, porque há um conjunto de atletas que partilham desta minha perspectiva e que estão no desporto porque realmente gostam dali estar e que são pessoas persistentes e perseverantes. Estou convencido que darão o seu melhor, para se representarem a eles próprios e para representarem o nosso país.»*









Luís Carlos Gonçalves
12 de Outubro de 1987
Atleta
Deficiência Visual

Chega um pouco antes da hora ao local marcado para a entrevista e, quando chegamos nós, ele está a olhar em volta, preocupado. A preocupação é a de não se desencontrar de nós. Por isso, tenta ver-nos. Parece paradoxal. Esperávamos encontrar um jovem simplesmente à espera que fôssemos ter com ele, talvez acompanhado de um guia, com "aspecto" de cego (sim... é óbvio que esta ideia pré-concebida é absolutamente errada; mas este projecto foi também uma forma de eu próprio perder alguns "vícios" adquiridos ao longo de uma vida). Mas não. Está sozinho, aperaltado, visivelmente preocupado com a sua aparência. E logo aí, nesse "olhar em volta" se percebe que, apesar da deficiência visual profunda, que lhe permite ver apenas 5% de um olho e 0% do outro, Luís Gonçalves tem uma quase exacta percepção do mundo, das principais formas, das cores mais fortes. Só lhe escapam os pormenores. Ainda assim, um pormenor marca o início da conversa. A escolha do local da entrevista fica a seu cargo. A mesa ao canto e junto à janela do restaurante do Estádio Universitário de Lisboa. O Luís justifica a opção, dizendo que a vista dali, para a pista de Atletismo, é espantosa. Está... visto que o mote para a entrevista está dado. E assim começa.

«Sou eu que cuido de mim»

A dúvida fica desfeita em apenas alguns segundos de conversa. Luís Gonçalves é independente. Apesar de ser amblíope, totalmente desprovido de visão no olho esquerdo e com uma percentagem mínima no direito, o Luís leva uma vida praticamente "normal", é auto-suficiente e até vive sozinho. A pouquíssima visão que tem é *«a suficiente para me orientar, sem precisar de qualquer tipo de meios: bengala, cão-guia...»*. Nasceu assim e, na família, *«fui o primeiro; não se conhece mais ninguém que tenha este tipo de problemas.»* E ao contrário do que se possa pensar, isso não o faz sentir diferente dos familiares. *«Sinceramente, faz-me sentir normal. Porque nasci e cresci assim... e isto para mim é que é ser normal. Não tenho a noção do que é ver bem. Portanto, a maneira como eu vejo e como vivo a vida... para mim, isto é normal.»*

Normal, sim. Agradável... nem por isso. A descoberta da deficiência visual foi uma surpresa para os pais. *«O médico virou-se para eles e disse-lhes: "O seu filho é cego". Eles ficaram chocados porque dizerem-lhes da maneira como o médico disse foi chocante, porque eles já sabiam que havia algo de diferente em mim, mas ouvirem assim da boca do médico: "O seu filho é cego"; ficaram chocados mas foram-se habituando à ideia.»*

Aliás, segundo o Luís, os pais não tinham outra alternativa que não habituar-se. Porque cedo começaram a ouvir queixas dos vizinhos acerca do que o filho travesso fazia nas brincadeiras com os amigos. *«Ah! Vi o teu filho em cima de uma árvore!... Aquelas histórias de aldeia, aqueles cochichos... faziam com que eu fosse mais repreendido do que os outros miúdos ditos "normais", porque eu via mal, podia cair... Mas, como qualquer miúdo daquela idade, ouvia, entrava-me a cem, saía a duzentos e voltava a fazer o mesmo.»* O que fez aos pais ver algo simples, embora complexo. *«Eles viam que eu queria ser como os outros miúdos, apesar de ver mal. Então, tiveram de me deixar ser como eu queria ser.»* Os pais foram compreensivos, os outros miúdos é que nem tanto. *«Houve fases em que fui gozado... fui o zarolho, o pitosga... Depois fui crescendo e isso deixou de acontecer, porque passei a ser já um pouco mais "normal" para eles.»*

Tal como o seu antecessor (neste livro e no Atletismo), o Luís utiliza imensas vezes a palavra vejo. A dada altura, quem esta frente-a-frente com ele esquece-se de que só possui 5% de visão. *«Eu acredito que possa ser estranho para algumas pessoas. Eu estou habituado a lidar com pessoas com deficiência visual e usamos muitas vezes entre nos o "Estas a ver? Viste? Viste o que eu vi? Viste aquilo?..." E normal que quem convive tenha esse tipo de discurso. Eu próprio tenho esse tipo de discurso para uma pessoa cega.»*

Correr... atrás da bicicleta

O jovem atleta de Alagoa (perto de Portalegre) diz que começou a correr por mera brincadeira, nos corta-matos da escola, uma ou duas vezes por ano. Mas, antes disso, já o "bichinho" de dar bom uso (e rápido) às pernas, o fazia correr... enquanto os amigos pedalavam. *«Como eu via mal, os meus pais tinham dificuldade em deixar-me andar de bicicleta. E os meus amigos andavam muito de bicicleta. Então, não me fazendo inferior, eles andavam de bicicleta e eu corria atrás deles! (risos)»* Depois, começou a correr sozinho. Mais tarde... *«Eu e os meus amigos brincávamos ao Atletismo, aos Jogos Olímpicos e quando surgiu a oportunidade, comecei a participar nos corta-matos da escola, que há todos os anos e posso dizer que me safei. Fui uma vez ao Distrital. Não sabia o que é que aí vinha. Não sabia sequer que havia Desporto Adaptado. Não sabia que podia fazer desporto com a minha deficiência. Quando vim para Lisboa, para tirar um curso de Massagista e Auxiliar de Fisioterapia, numa escola só de pessoas com deficiência visual, perguntei a um colega se não havia um lugar onde se pudesse fazer Atletismo. Ele indicou-me o Estádio Universitário, onde estava a equipa da ACAPO, que fazia Desporto Adaptado. Vim cá com ele, conheci as pessoas certas e comecei a treinar à segunda, quarta e sexta.»*

Início, fim e reinício

Da corridinha de manutenção que queria fazer só para manter o físico, Luís Gonçalves rapidamente passou para a corrida mais a sério. Bem mais a sério. A “culpa” foi do “bichinho” de que fala várias vezes durante a entrevista. Daí que aos 18 anos de idade, em 2006, e com apenas três meses de Desporto Adaptado feito de forma oficial, já estivesse seleccionado para um Campeonato do Mundo, em Hassen, na Holanda. Mas a uma semana do mundial, na preparação para a prova, uma lesão podia ter deitado tudo a perder, a curto e a longo prazo.

O estágio de preparação decorreu em Rio Maior e o Luís não pôde contar com a presença do seu treinador. O atleta chegou à pista ribatejana "tocado", com uma contractura nos músculos da coxa e, ao fim de dois treinos, lesionou-se com gravidade. *«Eu fiz uma ruptura nesses músculos, que me obrigou a estar nove meses parado. Fiz fisioterapia e por muitas vezes pensei em desistir... deixar... Porque inicialmente eu queria fazer aquilo como uma diversão, uma manutenção para manter o físico. Só que, entretanto, fui falando com o Carlos Lopes e ele aconselhou-me a não desistir, a continuar, porque eu tinha potencial.»*

Ao fim do longo tempo de recuperação, mudou de treinador e de clube, começou a treinar regularmente de novo mas sempre com o músculo muito fragilizado, a provocar-lhe lesões frequentes, *«e o Carlos sempre disse "Não desistas! Não desistas! Continua! Luta! Esquece que tens essa lesão, continua a lutar, continua a ser tu próprio, porque isto vai passar! Esquece que tens a lesão... Esquece que estás como estás..." e foi isso que eu fiz. Continuei a lutar e um dia as lesões deixaram de aparecer.»*

Essa crença foi mesmo mais importante do que se possa pensar. *«Consegui fazer uma coisa que... os médicos diziam que eu nunca mais iria ser o mesmo, nunca mais iria ser como era... E eu, ao fim de dois anos, dei-lhes razão: eu não voltei a ser o mesmo; voltei a ser melhor! Porque estou mais rápido e mais resistente que nunca!»*

O ídolo Carlos Lopes

Foi nesse período difícil que conheceu a sua grande referência, Carlos Lopes, atleta paralímpico multi-medalhado, que o ajudou a superar o mau momento. *«Quando comecei a treinar – ainda de forma amadora – havia o grupo do Sporting, onde estava o Carlos, no Estádio Universitário, e diziam-me que estava ali o Carlos Lopes, o cego. Eu não sabia. Via montes de gente e não sabia qual era. Onde fiquei a conhecê-lo mesmo foi nesse estágio em Rio Maior, onde me lesionei e precisei de alguém para desabafar. Ganhei coragem e fui falar com o grande Carlos Lopes, porque sabia que ele era psicólogo, e tive muitas conversas com ele. Foi ai que eu o conheci, fiquei a saber quem ele era, vi como ele era e tivemos muitas conversas em que ele me deu palavras de força, o que foi muito importante. É um grande homem e um grande atleta.»*

A relação com o ídolo – a quem também chama de "Mestre" – foi-se fortalecendo, com ambos a correr lado-a-lado, em treinos e competições. E isso também se deve a algumas parecenças, tanto nas características de cada um, como no percurso competitivo. *«Acho que foi a maneira como começámos. O Carlos, tal como eu, na primeira participação internacional, foi medalhado. E eu também. Começámos "cá de baixo", em provas amadoras e fomos subindo. A nossa maneira de ser, as nossas atitudes… Acho que me estou a tornar muito parecido. O Carlos dizia que, inicialmente, ia para as provas nervoso, com o nervoso miudinho (como eu) e que com o progredir na carreira aquele nervosismo vai desaparecendo. E acho que é o que me está a acontecer. Estou a levar aquilo com mais naturalidade, com mais calma. Acho que isto me faz ser muito parecido com o Carlos.»*

…e em Pequim…

Em 2008, dois anos depois do episódio da estreia adiada nas competições internacionais, o Luís acabou por chegar ao palco mais desejado por qualquer atleta. Nos Jogos Paralímpicos de Pequim, coube ao jovem entrar em pista para cumprir uma das provas mais difíceis da modalidade: a corrida dos 400 metros. Uma distância que, curiosamente, nunca tinha feito. Mas isso não foi impedimento para que conseguisse um grande resultado.

«Logo na primeira prova, a estrear, logo!... Estava nervoso… Fui para os blocos de partida sabendo que poderia ser um dos candidatos a uma das medalhas. Já levava esse "peso" mas tentei esquecer. Fui para os blocos e parti como sei: nem muito rápido, nem muito lento, a meio termo, manter sempre, acelerar progressivamente e saber estar pronto para, nos últimos 100 metros, levar uma "paulada" – como se costuma dizer – como se houvesse alguém escondido à entrada da recta que nos dá uma paulada e nós começamos a "morrer" lentamente. Mas houve uma coisa… Não sei se foi por estar motivado ou por ter milhões de pessoas a olhar para mim, dentro daquele estádio e pelo mundo fora… Fiz os 300 metros normalmente, bem e sem quebrar, sem esgotar. E – engraçado – nesse estádio, à entrada da recta da meta, havia uma câmara num carril que acompanhava a evolução da nossa corrida e eu era o primeiro. E eu, pelo canto do olho, comecei a ver a câmara e houve um pensamento naqueles milésimos de segundo… "Não posso morrer! Não posso começar a correr todo torto! Não posso correr 'à Tom Sawyer', todo de lado!"… e comecei a corrigir a postura. Foi como se tivesse renascido com mais força! Corrigi a postura, comecei a correr normal! Foi como se não tivesse quebrado! E assim que cruzei a meta, vejo o meu treinador aos saltos, aos gritos: "Já está! Conseguiste! Baixaste dos 50 [segundos]! Foi bom! Foi bom! Foi bom!" Eu fiquei completamente maluco quando ele me disse aquilo! 49'80''… Uma marca que não espera mas que foi feita!»

A câmara de televisão estava lá e foi – pelos vistos – a grande responsável pelo bom resultado do Luís em Pequim… mas as imagens captadas naquele momento… o atleta nunca as chegou a ver. *«Tenho pena… Tenho muita pena porque sei que nunca vou conseguir ver essa prova. Havia uma Sala de Imprensa dentro da Vila Paralímpica, onde poderíamos ter acesso às provas. Só que nunca conseguimos ir a essa Sala de Imprensa, ou por falta de tempo ou por os requisitos para ter essas provas serem muitos… Um dia gostava de ver a minha primeira prova nos meus primeiros [Jogos] Paralímpicos. Não sei como mas gostava. Mas, quem sabe, um dia…»*

Luís Gonçalves, atleta amblíope, cego total de um olho e com apenas 5% de visão no outro (não é demasiado recordar), sempre que lhe é possível, não dispensa ver as imagens das suas provas. *«Não é por vaidade. É para ver o que fiz mal e o que fiz bem, para fazer aquelas correcções que o treinador já me tinha feito mas eu quero ver, para saber autocorrigir-me. Não é por vaidade mas… gosto de me ver correr, para saber o que faço bem e o que faço mal tecnicamente.»*

O que não correu tecnicamente bem foi a outra prova que fez em Pequim, a estafeta de 4x100 metros, em que a equipa portuguesa acabou desqualificada. Foi um momento infeliz pelo infortúnio mas acabou por ser o ponto de contacto directo com o ídolo Carlos Lopes e uma literal passagem de testemunho entre eles.*«Sinto-me um privilegiado por ter sido uma das pessoas que fez a última prova que o Carlos fez. O que me deixou muito triste foi aquela prova, porque nós tínhamos hipótese de ter medalha e era muito bonito o Carlos ter uma medalha nos últimos "Jogos", ter uma medalha era fabuloso, era fantástico e deixou-me muito triste. Porque foi a última prova do Carlos, eu estive e fiz a prova com ele. Mas gostava de poder levar o testemunho do Carlos mais além e por muitos mais anos. E, do que depender de mim, vai ser o que vou fazer. Vou transportar o testemunho que o Carlos me passou naquele dia, naquela última prova.»*









Carlos Baptista Pereira
11 de Maio de 1961
Cavaleiro
Deficiência Motora

É com impressionante à-vontade, simplicidade e também bom humor que Carlos Baptista reconhece que a vida, para ele, mudou num instante. Literalmente. *«Foi um poste que veio para o meio da estrada.»* E está quase tudo dito.

Às 02h15m do dia 13 de Outubro de 1991, Carlos (à data, com 30 anos de idade) fazia de motorizada, a 30km/h, o caminho para casa, vindo do trabalho *«…e bati contra um poste. Não me lembro… São daquelas memórias que, com o trauma, parece que… Fiquei amnésico. Eu não me lembro como foi o acidente. Sei que bati contra o poste porque, passado mês e meio, fui lá ver e ainda lá estava parte da motorizada. O para-lamas da frente ainda lá estava e sei onde foi. Mas só isso, mais nada.»*

«O que é que se passa?»

O até ali montador de auditórios ao serviço de uma empresa de Coimbra não tem, ainda hoje, qualquer recordação do acidente rodoviário que alterou por completo o rumo da sua vida. Só se lembra *«depois de ter acordado, de estar no hospital e perguntar "O que é que se passa?" Não tinha a noção do que é que se passava. Acordei eram 10h15m – olhei para o relógio e eram dez e um quarto – e acordei com um médico a dizer que eu era um estúpido, porque não-sei-quê, não-sei-quantos… com trinta anos, tinha feito aquilo. Entretanto, quis-me virar para o gajo para lhe mandar um murro e não consegui. Aí vi que o caso era grave.»*

E era mesmo. O braço direito – engessado – não se movia de todo. *«Pode ser que passe»*, ainda pensou; no entanto, *«passados dois ou três dias é que me disseram: "Olhe que já não tem recuperação"».* O problema: um arrancamento do plexo braquial. A explicação (simplificada e "ilustrada" pelo próprio): *«Imaginemos que a nossa espinal-medula é uma "central" em que vão "cabos telefónicos", que cortaram. E como não têm números nem cores, eles não conseguem ligar novamente.»* A consequência: braço direito paralisado, sem qualquer tipo de sensibilidade e ausência total de controlo nos movimentos (o que faz com que o membro se comporte, grosso modo, como um pêndulo).

Ainda no hospital, no primeiro contacto da família com a nova realidade, Carlos teve de começar de imediato a superar a adversidade. Os familiares *«choraram muito.»* E ele? *«Não podia chorar, porque eles estavam a chorar. Tinha de ser eu a rir-me. Quando a velha chega ao pé de nós "Ai o meu rico filho!" e mais-não-sei-quê... "Calma! Que isso passa!" Pronto. É fácil!»* Se não é, pelo menos, parece.

Da motorizada ao cavalo

Actualmente, dezoito anos depois do acidente, Carlos Baptista convive bem com a sua condição. Não se acha em nada menos que os outros, adapta-se bem a praticamente tudo o que faz e não contar com o braço esquerdo, confessa, só o impede de fazer uma coisa. *«Uma coisa que eu tenho imensa pena é de não conseguir andar de mota, por exemplo. Se voltava a andar de mota? Ai… Amanhã!»* Surpreendido? Eu também fiquei. Carlos admite que já conduziu uma mota depois de 91 mas não voltou a fazê-lo. Não porque não consiga – garante que consegue, se a motorizada estiver alterada para o efeito – mas sim porque *«é ilegal».* De resto, até anda de bicicleta. *«Ando de bicicleta. Não tenho problema.»* Pequena correcção: o Carlos não sente dificuldades a andar de bicicleta mas, para ele, andar de bicicleta, quando comparado a andar de mota... tem uma desvantagem, ligeira, quase imperceptível. *«De bicicleta não gosto muito porque é preciso dar aos pedais…»* Ora pois.

No entanto, esta atitude positiva de Carlos Baptista, que encara a realidade sempre com uma descontracção invejável, foi sendo posta à prova nestas (quase) duas décadas. Pouco depois do acidente foi operado para tentar evitar a paralisia total do braço mas sem sucesso e a sua condição tornou-se irreversível. Por isso, de imediato, a questão que colocou a si próprio foi: *«Como é que eu vou ganhar dinheiro?!».* Durante praticamente três anos procurou, em vão, a resposta; acima de tudo porque as oportunidades para portadores de deficiência escasseavam. Acabou por ser na Associação para o Desenvolvimento e Formação Profissional (ADPF) de Miranda do Corvo que viu uma porta entreaberta. Lá, podia fazer formação, tirar um curso mas a primeira opção – Informática – não lhe agradou por estar limitado ao uso de um braço e por não querer ficar num escritório. *«Estar fechado não quero! "Eh, pá! Só se for Agro-Pecuária mas tu, com as tuas circunstâncias, e tal…" Então vamos fazer uma coisa: experimentamos três meses; se eu não conseguir… Depois, entretanto, comecei a fazer camas [dos cavalos]. Passadas duas semanas, ele [o monitor do curso] disse: "Pronto. Ele fica." E foi a partir daí que comecei a lidar com os cavalos»*, animais com que nunca tinha tido qualquer ligação mas que viriam a tornar-se o centro do seu dia-a-dia e até (como veremos adiante) um vício.

O responsável pelo Centro Hípico da ADPF, Eng.º Pedro Faria (ex-seleccionador nacional de Equitação Adaptada), propôs-lhe que começasse também a montar os cavalos que tratava. Daí até à competição, o percurso foi mais ou menos aquele que Carlos Baptista, com muita graça, resume da seguinte forma: *«O Pedro Faria perguntou-me "Eh, pá! Queres aprender a montar a cavalo?", mais-não-sei-quê…, "Olha… Vamos fazer isto… Vamos fazer aquilo… E agora vamos ao Europeu[7]". Pá… Começou aí. A competição começou aí! Eu não escolhi, eu fui escolhido! Tive o acidente, escolheram-me para ter o acidente. Depois, não arranjei emprego em mais lado nenhum, escolheram-me para vir trabalhar para aqui. Entretanto, o Pedro Faria escolheu-me para começar a montar. Depois, fui escolhido para aqui, para ir acolá… Pronto!»*

Trabalhar em dobro, para não ser "coitadinho"

Antes do Campeonato da Europa, Carlos Baptista tinha-se estreado, naturalmente em competições nacionais mas, por ser a primeira prova a nível internacional, o cavaleiro toma-a como uma espécie de "estreia oficial" e, por isso, o ponto mais marcante do seu início de carreira como atleta.

Chegado à competição, Carlos encontrou um mundo que desconhecia totalmente e que o surpreendeu, principalmente porque, como diz, o espírito competitivo é grande mas nem é o mais importante. *«Há o convívio, que é espectacular, entre pessoas de outras mentalidades, doutras deficiências e há pessoas com capacidades que os ditos "normais" nem sequer imagina o que é. Mas é que não fazem a mínima ideia! As pessoas que vêem os Jogos Olímpicos na televisão, se vissem os Paralímpicos, nunca mais olhavam para os Olímpicos!»* E explica porquê. *«Todos os [atletas] paralímpicos tem de ter o dobro do trabalho; para concretizar aquilo que querem, têm de ter o dobro do trabalho. Sejam "manetas", como eu, sejam "tetra", sejam "para", sejam invisuais… Têm de ter o dobro do trabalho. E têm de ter o dobro da dedicação»* para como diz, fugir ao "rótulo" do "Coitadinho!" e pensar *«Não posso ser assim! Para já, tem de ultrapassar essa barreira e depois tem de trabalhar. Tem de passar a barreira mental e tem de passar a barreira física.»*

[7] - Campeonato da Europa de Equitação Adaptada, que decorreu em 2002, na Anadia, distrito de Aveiro

Este entusiasmo vem desde que entrou no meio competitivo no início da década. Reconhece que os primeiros resultados «não foram nada de especial» mas o facto de trabalhar diariamente com cavalos (e também o de ter o treinador, Pedro Faria, por perto sempre que monta os cavalos do Centro Hípico) permitiu-lhe – e ainda permite – ir melhorando as prestações em prova. Daí que, depois do Europeu em Anadia, representou Portugal na Bélgica, em Espanha e foi aos Jogos Paralímpicos de Atenas, em 2004. Uma paralimpíada da qual Carlos Baptista tem uma história para contar. É surpreendente, inédita e é revelada em exclusivo neste livro.

O "Segredo de Atenas"

O braço do Carlos está paralisado e a insensibilidade é quase total. Quase. A verdade é que o arrancamento do plexo braquial, no seu caso, ainda lhe permite ter um pouco de sensibilidade (e, consequentemente, também dor), ocasionalmente, junto ao ombro. Nada mais do que isso. Aliás, não sente rigorosamente nada abaixo de um determinado ponto do braço (que não consegue apontar com exactidão). Quando, tempos antes dos Jogos Paralímpicos de Atenas, partiu o úmero do braço no picadeiro do Centro Hípico de Miranda do Corvo, não sentiu nada, só foi ao hospital várias horas depois e acabou por "disfarçar", indo à Grécia sem que ninguém soubesse que ia… "lesionado". *«Se vierem a saber, é agora, por causa do livro, porque eles não sabiam na altura. Só eu é que sabia. O braço direito ia partido. Tanto que eu "uso" o braço normalmente e em todas as fotos em Atenas eu andava com o braço apoiado num braçal*[8] *porque ele estava partido aqui em cima.»* A esta revelação, durante a entrevista, respondi com uma pequena provocação, dizendo que, na minha opinião, essa era a única vantagem da condição do Carlos. A resposta foi, de novo, espirituosa. É de facto uma vantagem *«muito boa! (risos) Um espectáculo! Por acaso, parti o braço "bom! (risos) Parti o braço "bom" para ir para Atenas! Se tivesse partido o esquerdo, estava "feito ao bife" e não tinha lá ido!»* Foi 13º na classificação final daquela a que chama *«a melhor competição do mundo»* e garante que a lesão (que, literalmente, nem sequer sentia ter) não teve qualquer influência na sua prestação. Por isso, cinco anos volvidos, está à vontade para revelar este segredo, até agora bem guardado.

[8] - uma ortótose de suporte para o braço partido

Inquieto: o cavalo ou o cavaleiro?

Sim, o cavalo que Carlos Baptista monta em competição chama-se Inquieto. Mas, curiosamente, o nome não lhe assenta que nem uma luva, já que *«é quieto, é calminho, é muito porreiro. Qual é a nossa relação, comigo e com ele? Se eu me portar bem, ele fica porreiro comigo. Se ele se portar bem, eu fico porreiro com ele. É fácil!»* O pragmatismo, sempre o pragmatismo.

A relação entre Carlos e o Inquieto iniciou-se praticamente com a entrada do cavaleiro em competição, quando o cavalo (anteriormente, especializado em provas de saltos) foi doado à ADPF de Miranda do Corvo por um empresário da restauração de Coimbra, especialmente para ser montado pelo Carlos, em provas de Dressage.

O trabalho diário, entre homem e cavalo, faz com que o Inquieto reconheça perfeitamente quem o trata e monta, mesmo que a comunicação tenha alguns truques curiosos. A linguagem não é, obviamente, a mesma mas falar com o cavalo é muito importante, garante Carlos, mesmo que o discurso não faça grande sentido. *«Podemos não estar a dizer "batatas" duas vezes. Mas temos de falar para os animais, para eles nos ouvirem a voz. Se eu não falar para o cavalo, seu eu não o "mandar dar uma curva", se não-sei-quê, se não mais-isto-mais-aquilo… ele pensa que eu estou chateado. O que é que lhe digo? O que me vier à cabeça. Não tem nada a ver com aquilo que nós dizemos. Tem a ver com a maneira que nós falamos, com o tom de voz. Quanto mais calmo for o tom de voz, melhor. Se ele se portar mal, se eu levantar um bocadinho a voz ele… "Eh, pá! Espera aí!"… Posso estar a dizer [em tom muito alto] TU ÉS UM AMOR!!! Desde que eu esteja a gritar, o gajo "Ai, Senhores!!!"... (risos)»*

Conclusão: Os truques de comunicação resultam e a comunicação entre cavalo e cavaleiro é boa.

«Uma adrenalina... "do caneco"!»

Em Londres quer ver a representante portuguesa do desporto equestre nos Palarímpicos de Pequim, China, em 2008, Sara Duarte, atleta de 25 anos com paralisia cerebral. Não a conseguiu ver pela televisão mas sabe que se portou muito bem no Oriente e augura-lhe um grande futuro. *«É uma miúda espectacular! Com uma força de vontade que aquilo é uma coisa do outro mundo e com muito para progredir, se ela quiser. E ela quer! Por isso, tem margem para ir a mais uns quatro ou cinco Jogos Olímpicos.»*

Em 2008, ficou de fora devido a uma lesão. Basicamente, (ironia das ironias) a mesma que, quatro anos antes, não o tinha impedido de ir a Atenas, só que no braço esquerdo. *«Estava a trabalhar, levei um coice, parti o úmero esquerdo e, depois, não podia [competir, fazer o que quer que fosse]. Tiveram de me dar come na boca durante uma "porrada" de tempo.»* Esteve 16 meses sem poder usar os braços: o direito paralisado, o esquerdo imobilizado. Acompanhou tudo pela televisão mas sentiu falta de… estar lá. *«Sentir a falta, senti. Mas se não podia estar, o que é que eu havia de fazer? O que não tem remédio…»*

Essa falta que sentiu em 2008 tem uma razão de ser. É que Carlos Baptista tem uma relação algo ambivalente com o facto de estar em competição. *«A competição em si, aquilo cansa mesmo! Não é o montar, é a competição, estar ali e ter de estar concentrado e tal… Mas, no entanto, cansa mas "puxa" uma adrenalina "do caneco" e aquilo é giro… Lá está, essa parte é que é viciante – que é a parte que eu não gosto – era capaz de me habituar àquilo todos os dias!»* Entendeu? Eu confesso que não sei bem se entendi. Só para tentar perceber se tinha mesmo… percebido, insisti: O Carlos, simultaneamente, gosta e não gosta de ir às competições porque gosta e não gosta do stress de competir, é isso que me está a dizer? *«É!... É complicado, é… Eu sei. Eu às vezes também não me entendo a mim próprio mas o caso é mesmo esse.»*

Entender esta curiosa forma de ser e de estar do cavaleiro Carlos Baptista, a partir daqui, é tarefa que deixo ao leitor. Quer que o deixe em silêncio, por um bocadinho, só para pensar nisto? Então, está bem.









Sara Duarte
4 de Maio de 1984
Cavaleira
Paralisia Cerebral

Parece ser um dia como todos os outros no Centro Equestre João Cardiga em Leceia (Oeiras) mas a verdade é que não são assim tantas as vezes as que Neapolitano Morella, cavalo de competição da raça Lipizzan, é montado num treino por uma Sara Duarte tão aperaltada, com o equipamento "de gala" e maquilhagem caprichada. Ao fim da tarde, no picadeiro, o treino habitual é, então, substituído pela sessão fotográfica da parelha que se expõe à lente da máquina do Júlio Barulho. O cavalo – nota-se – estranha um pouco: a farpela, a rapidez do apronto e aquele senhor de barba que lhe tira fotos. Mas corre tudo bem. Suspira de alívio o profissional da imagem, reticente sempre que na presença de cavalos. Segue-se a entrevista com a cavaleira, visivelmente orgulhosa pela boa figura feita pela dupla frente à objectiva.

O nó

De facto, a primeira impressão que Sara Duarte dá de si, no dia em que a conheço e a entrevisto, é a melhor. Bonita, elegante, sorridente e com pose extremamente cuidada, tanto a cavalgar como, depois, de pé, ao lado do cavalo, seu amigo e companheiro de competição. Isso e uma simpatia contagiante que permite uma conversa muito mais fluida do que as dificuldades de comunicação (acima de tudo, a imperceptibilidade de algumas palavras) deixam, de início, antever. Ainda assim, há que começar pela razão que a obriga a ter um cuidado especial na dicção de todas as palavras e, no fundo, a torna numa atleta paralímpica.

«Tenho Paralisia Cerebral. Foi derivado a um nó no cordão, que ficou mais apertado durante o nascimento e que impediu o oxigénio de chegar uma parte do meu cérebro. Faz-me ter mais dificuldade no lado esquerdo do que no lado direito. Dei umas voltas na barriga da minha mãe e dei origem a um nó. Gostava muito de ginástica!» Logo aqui, começam os risos no pequeno escritório do centro equestre, que nos foi emprestado para a entrevista. A mãe da Sara, também presente, também sorri, embora discretamente, enquanto a filha tenta puxar-lhe uma expressão mais evidente, como quem conta uma anedota e espera uma gargalhada do outro lado. É assim o tempo todo, com a filha a desafiar a mãe, com olhar de soslaio a cada frase mais irreverente que diz.

O dedo da defesa e do ataque

A consciência do "problema" surgiu apenas com o contacto com outros que não os membros da família. *«Foi mais quando iniciei a fase da escola, na primária. Comecei a aperceber-me de algumas dificuldades que as professoras tinham em lidar com a situação. Tinha noção das conversas que havia entre professora e a minha mãe. Percebia que havia qualquer coisa que não era igual aos outros. Sabia que era alguma coisa diferente, mas o quê não tinha ideia.»*

Dificuldades de integração no mundo dos ditos "normais", não foram muitas, mas, mesmo assim, algumas. *«Talvez nessas fases, do início da escola, do fazer amigos. É normal que uma criança que seja mais tímida ou introvertida tenha dificuldade de ser aceite no meio. Mas, de resto, que me lembre, não.»* E como já todos fomos crianças (e sabemos quanto elas podem ser cruéis, consciente ou inconscientemente, umas com as outras), pergunto-lhe se os outros miúdos alguma vez cederam à tentação de a gozar. *«Durante a primária, que me lembre, não. Mas, depois foram mais mauzinhos. Mas eu sempre soube defender-me nessas situações. Gozavam com o andar… [O que é que fazia?] (risos) Defendia-me… não me afectava muito com o que me estavam a fazer… eu… (risos)… isto não vale… a minha mãe sabe… (risos)… era malcriada… (risos)».* Convém esclarecer que o assunto fica "arrumado" com o dedo em riste com que a Sara exemplifica a resposta a quem a terá feito pouco dela durante a meninice. Fiquei esclarecido sem ficar ofendido, obviamente, até porque foi divertida a forma simultaneamente tímida e atrevida de a Sara fazer o gesto obsceno em frente à mãe.

Mas se esse dedo (o dedo médio) estendido era uma forma de defesa, a junção desse dedo aos outros nove era um meio de expressão artística. *«Tinha cinco a música. Sempre gostei muito de música. Desde os sete que aprendia piano. É uma área que eu gosto muito. Faz-me companhia. O Hino da Alegria…é a primeira música que eu aprendi e ainda me lembro.»*

Pomadas, pós, supositórios e... a sela

Também se lembra, naturalmente, de como a Equitação entrou na sua vida. Lida com cavalos *«desde os sete. Mas, a partir do 7º ou 8º ano, é que a Equitação se tornou mais a sério.»* E começou tudo como uma tentativa de terapia (hipoteraia), na altura ainda pouco divulgada. *«Antigamente, não havia muita informação, mas a minha mãe viu uma informação num jornal e interessou-se a ver se havia alguma evolução.»*

O primeiro contacto com o animal que mudou a sua vida foi óptimo, recorda. *«Tenho ideia de que gostei muito. Acho que me ria muito. Não mostrava medo em cima do cavalo.»* Tal como hoje. Mas nessa altura, confessa, não fazia ideia de que o futuro lhe guardava uma relação tão duradoura (e profícua) com esses animais. Muito menos que iria participar na mais importante competição do mundo como cavaleira.

Fez todos os estudos como aluna aplicada "q.b.". Diz que era uma *«aluna média»,* com gosto especial pela Música e pela Matemática. Na recta final dos estudos, fez uma opção profissional, embora não tenha sido uma "primeira escolha". *«A minha profissão de eleição não era a Farmácia. A minha profissão de eleição foi sempre educadora de infância. A minha mãe é. Foi, está reformada. Sempre tive muito contacto com crianças.»*

A influência da figura da mãe, não só por estar ali presente, é mais do que evidente. A Sara refere-se a ela em grande parte das respostas. E o fascínio pela profissão da mãe começou cedo. *«Ia ter com a minha mãe, ajudava-a. Saía mais cedo das aulas e ia ajudá-la. Mas, depois, vi as dificuldades que havia devido à dificuldade de comunicação para começar a ensinar a falar, podia não ser aceite pelos outros.»* Isso entristeceu-a. *«Um bocadinho…mas depois a minha mãe disse "Hás-de ter os teus e depois fazes isso tudo com eles".»* Gorada essa hipótese, *«a segunda escolha foi Equinicultura mas, há sempre um mas….é uma área complicada de exercer porque eu faço competição e tenho toda uma equipa por trás; como profissão tinha que me desenvencilhar sozinha. Para dar aulas também havia o problema da comunicação…»*

Não pode bem dizer-se que foi por exclusão de partes mas a escolha foi sendo "afunilada" de entre os principais gostos da Sara. *«Além de gostar de Química desde que comecei a ter no secundário, a minha mãe tem um amigo que é farmacêutico»* e a escolha acabou mesmo por recair em Farmácia. *«Os primeiros dois anos foram complicados. No primeiro trimestre [do terceiro ano] tive uma cadeira muito gira, que gostei muito, que foi Farmácia Galénica. Nós fizemos medicamentos. Aprendemos a fazer pomadas, pós... Fiz supositórios! É engraçado. Temos uns moldezinhos.»* Perante o entusiasmo dela, arrisco perguntar se experimentou algum desses medicamentos que fez. A resposta é imediata. *«Não!...Tive medo! (risos)»*

E, perante esta declaração, confesso que por curtíssimos momentos me alheei da entrevista e cheguei a temer um bocadinho pelo futuro das terapias medicamentosas. Mas isso passou, mesmo sem o recurso a qualquer droga… pelo sim, pelo não.

Perdeu-se uma lutadora, ganhou-se uma cavaleira

Voltamos ao picadeiro, onde a Sara entrou pela primeira vez muito novinha, como já se disse, numa experiência de terapia através dos cavalos. Para a menina, não passava de diversão. *«No início não tinha noção que era um desporto. Era tão pequena. Era um passatempo. Tive uma paragem entre os 8 e os 11 anos. Depois comecei a ver as coisas mais pelo lado do desporto e da competição.»*

Pelo meio, teve uma passagem pela Natação e até pelas Artes Marciais. A Sara praticou Aikidô, com o sucesso que descreve desta maneira, em resposta à pergunta *«Tinhas jeito?»: «Não…para não me mudarem o cinto…(risos)».* E foi assim que o mundo das Artes Marciais perdeu uma jovem com potencial.

Perdeu-se uma lutadora, ganhou-se uma cavaleira… paralímpica. Já em plena adolescência, Sara Duarte voltou a praticar (e mais a sério) a Equitação. Em 2000, com dezasseis anos, pela mão do treinador João Cardiga, participou na sua primeira prova de Dressage, na Feira da Moita. *«Fui experimentar a ver se gostava. Fiquei em segundo.»* E, com tal à-vontade, continuou a treinar para se dedicar a competição. Dois anos depois, entrou no Campeonato da Europa (no caso de Paradressage – Dressage para Desporto Adaptado), que se realizou em Anadia. *«Foi quando eu tive contacto com atletas de outros países e tive a noção do que realmente era a competição a sério. Foi bom. Estivemos meio "à nora" porque, na altura, não tínhamos cavalos como deve de ser e o nosso nível era muito abaixo dos outros países.»*

Isso não impediu que o percurso por provas importantes não continuasse a ser feito. Em 2003 foi 11ª classificada no Campeonato do Mundo, na Bélgica. Depois disso, nova passagem pelo Europeu (então, em Budapeste, na Hungria) e o triunfo em Espanha, na Taça Ibérica, em 2006 e no ano seguinte, pelos Campeonatos do Mundo de Paradressage, que se realizaram em Inglaterra. Como resultado das boas prestações da atleta portuguesa, surgiu o convite ("Wild Card") para a Sara representar Portugal nos Jogos Paralímpicos de Pequim, de 2008.

Podia pensar-se que isso era o suficiente para tirar o passaporte e viajar para a China… mas não. Durante algum tempo, reinou a incerteza quanto à ida (ou não) da cavaleira aos "Jogos". *«A nossa Federação não sabia se aceitava ir aos "Jogos". Depois lá aceitaram, e foi uma alegria para toda a gente.»*

Na China, com duas "estrelas" no coração

Em boa hora a Federação decidiu por levá-la aos "Jogos", diz a Sara, que aproveitou para viver ao máximo aquela experiência. *«Adorei ir aos "Jogos". Adorei ir. Realmente, é uma experiência única. Acho que para todo o atleta que está em competição, o sonho dele é ir aos Jogos Olímpicos. No nosso caso, Paralímpicos. Apesar de ter gostado mais de ir por mérito próprio e não por convite, o gostinho de ter lá estado e de ter feito alguma coisa que me marcou, só por isso, valeu a pena.»*

Valeu a pena, pela experiência e pelo resultado, garante. Na prova livre, a dupla Sara – Neapolitano Morella alcançou o 5º lugar e surpreendeu tudo e todos. *«Foi uma sensação… Ter conseguido mostrar, apesar de não ter conseguido os mínimos para ir, consegui mais além dos mínimos. Consegui superar tudo pelas expectativas, não só as minhas, mas das pessoas que me apoiam e trabalham comigo. E foi uma maneira de mostrar também, a quem estava reticente de me deixar participar, foi uma maneira de mostrar que eu conseguia fazer.»*

A alegria foi muita no rescaldo da competição mas antes e durante houve nervosismo, controlado com a ajuda de duas "estrelas", que desapareceram subitamente da vida da Sara mesmo antes dos "Jogos" e olharam por ela, lá de cima, como diz a cavaleira.

«Eu tenho uma estrelinha... Uma, não, duas. E eu agarro-me a elas. Foi o que me ajudou. Principalmente no dia em que fiquei em 5º lugar. O meu avô, que faleceu no passado [2008], e o meu primo, que também faleceu no ano passado. Era como um irmão e foi por ele que eu também entrei para esta coisa dos cavalos. Tanto para um como para outro era um orgulho eu ir. Estavam todos babados! O meu avô mal falava e dizia para as enfermeiras: "É o meu galardão!" E o meu primo, também no hospital, sempre que o ia ver e alguém chegava ele dizia: "A minha prima vai aos Jogos Paralímpicos!"»

A Sara sentiu profundamente o apoio que levou para Pequim, apesar de as suas "estrelas" já não estarem presentes para ver como haveria de se sair nos "Jogos". Foi uma realidade que, diz ela, simplesmente teve de aceitar. Mas não foi só o apoio que levou para a China. Em jeito de amuletos, do primo levou também uma foto, um isqueiro, um crucifixo e ainda uma camisola que ele usava quando praticou Horseball[9]; do avô, levou uma fotografia. No final, após o regresso da competição, agradeceu dedicando-lhes poesia. Palavras que ficam entre os elos do amor que claramente demonstravam entre eles.

[9] - Mesmo em Portugal, esta modalidade – uma "mistura" entre Equitação e Basquetebol - tem apenas designação em Inglês, adoptada pela Federação Equestre Portuguesa

A entrevista termina. Ou, melhor... ainda não. A Sara pede para – mesmo que só nas minhas notas – fazer referências às suas maiores... referências. À mãe Isabel, ao treinador e mentor João Cardiga e ao seu cavalo Neapolitano Morella que – faz também questão de garantir – é o melhor cavalo que alguma vez montou.

Entretanto, sim, a entrevista termina. Deixamos o pequeno escritório onde decorreu a conversa e a normalidade volta ao Centro Equestre João Cardiga. Excepto numa coisa. O treino habitual entre a Sara e o Neapolitano Morella não chegou a acontecer. Para atenuar a diferença deste dia em relação a todos os outros, a Sara vai despedir-se do cavalo, falar com ele uns minutos e só depois se dirige para o carro e regressa para casa. No dia seguinte, tudo voltará a ser como dantes.








CLUBE DE VELA ATLÂNTICO
Luísa Silvano
25 de Setembro de 1958
Ex-Velejadora (Vela Adaptada)
Deficiência Motora

Constar deste livro, por exemplo, é algo que dificilmente alguma vez terá passado pela cabeça de Luísa Silvano. É que a Luísa nunca se sentiu uma pessoa com deficiência, apesar de ter mesmo uma deficiência motora: uma malformação congénita da perna direita (sobretudo do joelho para o pé – rótula, tíbia e perónio mal formados). Ou, melhor, a Luísa nunca se sentiu diferente de qualquer outra pessoa, dita "normal" e o "normal" foi o único mundo que conheceu, praticamente toda a vida. Mas já lá vamos.

Entre Lisboa e Luanda

Foi caso único na família. Nem os pais, nem os avós, nem sequer algum dos seus sete irmãos (todos mais novos), tiveram qualquer problema de saúde semelhante. Foi uma malformação pontual, como a própria a denomina, que também não "passou" a ninguém. *«Nada aconteceu ao meu filho. Foi das preocupações que eu tive, foi ver, na primeira ecografia, medir as pernas e tal…Mas não tinha nada.»*

A preocupação da Luísa tinha um fundamento. Nascida em Angola, cedo viu-se forçada a viajar para Portugal. *«Eu com um ano de idade comecei logo a fazer operações, correcções. Por isso, tive que vir para Portugal, porque Angola não era o sítio para fazer operações da parte de Ortopedia, nem havia lá médicos, nem havia grandes hospitais na altura e eu vim para Portugal com a minha avó e fiz as operações todas em Portugal. Por isso, até aos dez anos estive praticamente em Lisboa, a fazer operações.»* Era isso que queria evitar que acontecesse também ao filho.

Com todas as operações feitas em criança, acabou por ver a infância dividida entre Luanda (onde o pai trabalhava em regime de comissões de serviço como engenheiro) e Lisboa (cidade de origem da família). Isso fez com que tivesse de viver e estudar um pouco em cada lado, para além de não acompanhar "a 100%" os primeiros tempos de vida dos seus irmão mais novos, que nasceram todos precisamente nesse espaço de dez anos.

O contacto maior que teve com eles (e que eles tiveram consigo, lidando com a sua deficiência) foi só depois disso. *«Penso que sempre lidaram normalmente. Às vezes, quando éramos adolescentes, nas brigas, lá saía uma palavra mais "feia", porque isso faz parte. Eu jogava Futebol com eles, andava de patins, andava de bicicleta com gesso. Fazia tudo e mais alguma coisa.»*

Sim. A Luísa sempre fez "tudo e mais alguma coisa". Apesar de ser diferente, fazia tudo tal e qual os irmãos, sobretudo actividades desportivas. O pai, descrito como exigente e austero, foi o grande responsável por isso. Adepto da vida saudável, dizia aos filhos: [Luísa "imita" o pai] *«Não quero ninguém em casa! Tudo na praia! Tudo a apanhar sol! Tudo a nadar! Era assim, a perspectiva dele. O meu pai também era muito desportista. Era um nadador nato, nadava quilómetros na praia, punha-nos na praia de manhã às nove horas e ia-nos buscar às nove da noite, para fazermos exercício. Eu penso que o meu pai nisso ajudou um bocadinho. Andávamos todos na Natação. Levava-nos à piscina, às aulas, plantava-se na bancada e estava até ao fim dos treinos e nós nem podíamos sair cinco minutos mais cedo. Se isso foi marcante? Acho que foi muito marcante para mim. De uma forma positiva. Hoje vejo como positiva. Se calhar, na altura, não me apetecia treinar.»*

A exímia Natação dos Silvano

Daí que tenha mesmo enveredado pelo desporto e, principalmente, pela Natação. Ela e os irmãos. Mais do que incentivados (quase obrigados) pelo pai, os Silvanos começaram pela formação mas depois passaram para as competições, no Naval de Luanda. *«Fizemos muitas provas. Eu ainda cheguei a ser campeã nacional de Angola. Mariposa, Crol, Estafetas… Mas competindo com gente completamente normal, a par; normal sem qualquer deficiência.»*

E safava-se muito bem, apesar de tudo. *«Completamente. E até era capaz de me safar melhor se tivesse a perna! Porque Mariposa, por exemplo, exige imenso; é muito exigente nesse sentido, do impulso das pernas, não é?»*

Ainda assim, a Luísa nega ter escolhido a Mariposa precisamente pelo desafio de ser o mais complicado dos estilos da Natação, acima de tudo para alguém como ela. *«Não me lembro que tenha essa noção de…pelo facto de ter esse **handicap**, essa dificuldade que tenha levado as coisas nesse sentido, de ter de fazer esse estilo para provar alguma coisa. Eu penso que não, porque eu levava as coisas com muita naturalidade. Na normalidade da minha vida nunca quis mostrar mais ou nunca quis fazer outras coisas diferentes, só por ter esse problema.»* Dito isto, encerra a questão com uma simplicidade assinalável. *«Isso também nunca foi visto um grande problema para mim. Nunca foi visto como um grande problema para os outros. Por isso, nunca esteve muito presente como um problema. Lembro-me que nas pistas chamavam não-sei-quantos Silvano, não-sei-quantos Silvano. Como somos muito próximos, às vezes calhávamos nos mesmos escalões.»*

E como a Luísa, nessa altura, nadava com os "normais" (até mesmo com os irmãos), senti que tinha de fazer a pergunta: Então, e nunca lhe ocorreu fazer Natação paralímpica? *«Nem me lembrei disso! Mas, nesta altura do campeonato, não! Já não tenho idade nem resistência para tal!»* Se calhar, Portugal perdeu uma nadadora.

Aprender dentro de água

Com o 25 de Abril, a família teve de regressar a Lisboa. Luísa Silvano teria quinze, dezasseis anos. Confessa que deixou logo a Natação e o retorno faria com que *«as coisas se alterassem».*

Em Portugal, Luísa acabou por apostar nos estudos, formou-se em Serviço Social e mudou-se para o Porto, onde casou e hoje é Assistente Social.

Mas, apesar de não ter prosseguido a actividade desportiva por cá, tem dela a mais positiva das opiniões. *«Já reproduzi um bocado essa minha percepção que tenho do desporto na vida da pessoa e no desenvolvimento pessoal para o meu filho, que ele também vai pelo mesmo caminho*[10]*. Para mim, é importante como um interesse, até para preparar a minha velhice (risos); que eu tenho de preparar a minha velhice… antes de chegar a essa idade, não é!?»* Olhando para trás, Luísa vê hoje que aprendeu muito e ganhou uma enorme autonomia com toda aquela actividade física… e até com a água. *«Para mim, foi importante o desporto no sentido de que é sempre uma grande aprendizagem. Para já, sabe-se mais do que os outros. Eu sinto que na água me sinto perfeitamente em controlo. Devia ser horrível ir para a praia e não ter o controlo na água – deve ser uma sensação de pânico horrível. Depois, sei nadar, o que também me dá alguma satisfação, porque nado com algum estilo e porque me dá gozo nadar. Foi uma aprendizagem e uma mais-valia na parte do desenvolvimento em termos das regras, do treinar, algumas competências… competir, que também não é fácil. Nem toda a gente tem jeito para competir – jeito ou competência, vontade. Alarga o leque de interesses na vida que se possa ter.»*

Mal sabia, nessa altura, quanto jeito viria a dar-lhe essa relação adquirida com a água.

Os "mergulhos" fora d'horas

Luísa Silvano confessou nesta entrevista – feita na sua casa, na cidade do Porto – que uma das suas mais fortes características é o facto de levar tudo de ânimo leve e "atirar-se de cabeça" para as coisas, sem hesitações nem grandes períodos de reflexão. Diz que sempre foi assim, em tudo. *«Nunca fui de acomodar. Já quando era miúda, ia para o hospital, aquilo era uma festa! (risos)»*

[10] - Pratica Ténis e Ski

Em 2006, recorreu a um para resolver alguns problemas decorrentes da deficiência e este propôs-lhe mais uma grande operação de alongamento, desta vez ao fémur. Luísa, então com 46 anos de idade, nem sequer se lembrou das várias (e complicadas) operações que fez na infância e adolescência. Acedeu. *«Nem me lembrava daquilo em que me ia meter!»* Mas acedeu. Três intervenções depois (inclusivamente, com recurso a ferros externos à perna para o alongamento), ganhou sete centímetros e reduziu para cerca de três a diferença de tamanho entre os dois membros inferiores. Mas não foi só isso que veio com esta decisão radical.

Fez fisioterapia durante aproximadamente um ano, num trabalho duro e diário. E aí *«conheci o meu fisioterapeuta, que, por acaso, estava ligado à Vela adaptada já há uns anos»*. Pedro Cunha acompanhava também Bento Amaral, velejador paralímpico (tetraplégico), que procurava, por essa altura, uma mulher que (por imposição de quotas do Comité Paralímpico Internacional) preenchesse uma possível vaga na posição de proa, formando uma equipa mista, como ditam os regulamentos da Classe Skud 18. *«Eu não conhecia o Bento de lado nenhum!... Nem eu na minha vida suporia que havia a Vela Adaptada, nem sequer sonharia que existisse tal coisa também. Entretanto, o Bento estava na altura de haver hipótese, com o patrocinador, de poder ter o barco que vinha para os Paralímpicos. Estiveram a ver algumas hipóteses e tal… Nós fomos tendo umas conversas, eu o Pedro, e ele achou que poderia propor-me eu vir a ser proa do Bento. E eu: "Proa do Bento?! Eu nunca fiz Vela de competição na vida!"»* O mais próximo que tinha estado dessa realidade era mesmo no acompanhamento em passeios de lazer do marido, marinheiro "encartado", que lhe foi dando *«umas dicas»*. Ainda assim, confessa, *«tive de aprender de aprender tudo e mais alguma coisa de Vela. Tive que estudar forte e feio! (risos) Hoje vejo que foi um mergulho daqueles grandes. Mas, pronto, saí-me mais ou menos bem! (risos)»*

Ri-se do facto de, aos 48 anos de idade, "mergulhar" uma vez mais, decidida, para algo desconhecido. *«Gosto de mar. Entendi, talvez, como um desafio. Entendi? Não! Foi mesmo um desafio! Um desafio que eu achei confortável. Confortável no sentido de, para mim, há desafios que me propõem e que nem penso muito. Se me agrada à partida, não penso muito nas consequências.»*

Também por causa desta espontaneidade, a Luísa considera que foi inconsciência da sua parte dizer "Sim!" ao desafio de fazer equipa com Bento Amaral, rumo aos Jogos Paralímpicos de Pequim, em 2008, tal como o foi da parte dele, em aceitar fazer equipa com ela. *«Para ele, também foi um risco. E para mim também, não sabendo que timoneiro é… "Como é que eu, que sou uma ignorante total, vou ser proa de um timoneiro que tem experiência?"»* Mas a maneira de ser do Bento Amaral deu uma grande ajuda, desde que se conheceram. *«Ele é uma pessoa extremamente agradável, de óptimo trato, excelente, que isto também nesta "altura do campeonato", não me "atiro de cabeça" com qualquer um, não é? E já não estou para aturar determinadas coisas… Mas não. Nesse aspecto, correu excelentemente bem»* e a equipa formou-se.

Mesa - Barco - China

A operação a que a Luísa se submeteu foi em 2006 e os "Jogos" em 2008. O tempo foi, por isso, um elemento sempre presente na preparação para Pequim. *«Eu fui operada e passados quinze dias já estava na água! (risos) Se acho isso razoável? Não! (risos)»* Ok.

O "turbilhão" começou logo que deixou a mesa de operações. *«Estava a treinar, a ter contacto com a água, com o barco e com as velas, a estudar ao mesmo tempo, a fazer fisioterapia, até ao fim do ano. Depois, em Janeiro, comecei a trabalhar, a fazer fisioterapia, a ir para a Vela ao fim-de-semana.»* E assim dividia todo o seu tempo.

Ou seja, com o barco a chegar só mais tarde, em Junho, e com os Campeonatos do Mundo (onde se jogava o acesso aos Jogos Paralímpicos) a acontecer logo depois, em Setembro, o trabalho que estava (todo) por fazer, tinha de ser feito rapidamente. *«Eu tinha que treinar! Por isso, fomos para um barco normal, um Raquero, todos os fins-de-semana, sábado e domingo, a treinar com esse barco, que não tinha nada a ver com o outro, mas os princípios das velas são iguais.»* Teve de aprender "à força" – sempre com a ajuda de Afonso Amaral, irmão do Bento e treinador – e com aquilo que apelidou de *«enorme esforço interior».*

A aprendizagem fez-se assim, em contra-relógio. Os mundiais chegaram e no novíssimo Skud 18 vindo da Indonésia, juntou-se a experiência do Bento Amaral com a ansiedade da Luísa Silvano. *«O Bento, no início, dava mais indicações e, à medida que eu ia aprendendo mais o controlo das velas, ele ia dando menos indicações e estar mais concentrado no seu trabalho. Vendo atrás, olho e digo "ia de olhos meio fechados". Correu bem, mas… A primeira vez que saímos no barco ia a tremer, cheia de medo… Não correu muito mal. Ficámos apurados!...»*

Sim. A rota para Pequim ficou traçada logo ali, à primeira tentativa.

«Olhava para mim e dizia que eu era uma fraude!»

Apesar de ter conseguido o apuramento para os Jogos Paralímpicos com o Bento Amaral, a Luísa não tem muito a noção se é ou não uma boa proa. *«Sei lá! Eles dizem mais ou menos que sim (risos). Sei uma coisitas. De Vela e de proa. Mas isto são anos a aprender. A Vela acho que é a vida toda.»* Mas, com o que aprendeu, chegou onde nunca pensou chegar. Estar nuns Jogos Paralímpicos (tal como constar deste livro, lembra-se?) dificilmente alguma vez terá passado pela cabeça da Luísa, que nunca se sentiu deficiente, apesar de ser portadora de uma deficiência motora, nem mesmo quando começou a competir na Vela Adaptada.

«Olhava para mim e dizia que eu era uma fraude. Onde é que eu tinha a deficiência? (risos)» Foi com o novo companheiro de correntes, ventos, velas e marés que, pela primeira vez, teve contacto com *«uma realidade que eu desconhecia completamente. Como é que uma pessoa tetraplégica conseguia estar no mar naquelas circunstâncias? Para mim era impensável. Para mim, a par desta aprendizagem que foi a Vela, foi a aprendizagem que eu tive com a parte da deficiência. O que é ultrapassar os limites.»*

E, embora não soubesse, o primeiro limite que teve de suplantar surgiu já em Pequim. *«Não me senti muito pertencente àquele mundo no sentido de que tenho uma autonomia completamente diferente de muitos outros. Segundo, é um mundo em que já muita gente praticava desporto e já se conhece. Senti-me bem…mas tive que fazer mais eu o esforço de ir ter com os outros do que os outros virem ter comigo.»* Hoje garante que esse seu limite foi ultrapassado, através do contacto com os outros atletas, das várias modalidades, num contexto tão único e particular como os Jogos Paralímpicos.

Mais do que o resultado, a China trouxe-lhe uma experiência fascinante, que recorda com emoção. Primeiro passou por Qingdao, depois seguiu para Pequim. E lembra-se de pensar, deslumbrada: *«Como é que é possível eu estar aqui? Será que é verdade? Deixa-me contemplar, que eu não vou estar aqui mais vez nenhuma. Cheguei a ir ao estádio à noite, de bicicleta, aquilo eram quilómetros. Eu até já não andava de bicicleta há quinze anos ou vinte.»* Mas andou, só para viver a experiência ainda um pouco melhor. Vinda de lá, sentiu o orgulho da família. O pai (que a levou para o desporto) *«ainda hoje fica orgulhoso de eu ter ido aos Paralímpicos. É um orgulho!... É, é!»* O marido e, especialmente, o filho também afinam pelo mesmo diapasão.

Na hora do balanço… *«Dei tudo o que eu tinha a dar. E isso, para mim, é uma grande satisfação, tendo e conta aquilo que eu podia dar. Pelo menos a sensação de missão cumprida eu tenho. Houve aquela circunstância, preparei-me para o acontecimento, entrei naquele mundo. Agora faço a minha vida perfeitamente…Volto ao meu mundo, com uma mais valia que foi o enriquecimento, que foi aquilo que aprendi e vivenciei."* E continuou a tradição desportiva dos Silvano. O marido é um amante dos desportos motorizados, o filho pratica Ténis e Ski e a Luísa diz que quer *«preparar a velhice». «Eu agora ando a ver o que é que vou fazer, eu ao fim-de-semana já pensei ir para o Golf (risos), ando a pensar o que é que vou fazer… não é? Eu acabo de trabalhar… eu tenho de ter um hobby! Tem que ser assim, para a minha saúde mental é fundamental, eu tenho de estar activa! Se pudesse, era Ténis. Mas, Ténis, ou é normal ou é cadeira de rodas, e eu estou no meio.»* Logo se verá, que modalidade escolhe a Luísa para continuar o seu percurso desportivo. Seja qual for, saberá que é capaz de a praticar. Bastará que se lembre da inesperada e extraordinária aventura que viveu nos últimos anos, desde a mesa de operações até aos Jogos Paralímpicos de Pequim, tudo perto dos 50. *«Foi um pôr-me à prova, da minha capacidade de superar. Muitas vezes eu perguntava, olhava para mim e perguntava: "Como é que eu consegui fazer isto?"»*

Certo é que conseguiu. Tudo é possível. Basta querer.


Fidelidade Mundial
Seguros


ALPHAROPES


CLUBE DE VELA ATLÂNTICO


Bento Amaral
29 de Março de 1969
Ex-Velejador (Vela Adaptada)
Deficiência Motora

3 de Agosto de 1994. Praia do Aterro, Matosinhos.

«Estava a apanhar uma "carreirinha", uma coisa completamente normal, e a onda atirou-me para o fundo – um fundo de areia – e parti a quinta vértebra. Fiquei logo ali paralisado.»

O relato é de Bento Amaral e demonstra como, sem que nada o faça esperar, uma vida pode mudar, de um momento para o outro. A nadar no mar, num normalíssimo dia de praia. À data do acidente, o Bento tinha 25 anos, era estudante, velejador e um amante do desporto em geral. Era uma pessoa muito activa, descontraída e… "normal". *«Nasci "normal" e nos últimos quinze anos estou numa situação diferente, numa cadeira de rodas, sem movimento abaixo das axilas, e com um movimento muito limitado nos braços. A isto pode-se chamar uma Tetraplegia.»*

«Pensei que tinha partido um dente»

O episódio que lhe marca a vida, recorda-o com uma calma, no mínimo, impressionante. Aliás, toda a entrevista (realizada na sua casa, um 12º andar com vista para o mar, ao fim da tarde) decorre com grande serenidade, apesar do tema ser sensível. Sempre a olhar de frente para o mesmo mar que lhe roubou os movimentos, o Bento "regressa" a 94 para lembrar-se de que, de início, não percebeu bem qual era a dimensão do problema. *«Na altura pensei que tinha partido um dente e a minha preocupação foi "Bolas! Já parti o dente outra vez!" Depois apercebi-me que a coisa era um bocado mais grave. Mas não me apercebi que ia ficar paralisado para o resto da vida. Cheguei a pensar, na altura, que iria morrer e, curiosamente, não foi uma coisa que me tenha afligido muito. Porquê? Porque estava na praia com uma irmã e com um amigo mas que tinham ido embora. Portanto, achava que ninguém ia reparar em mim, pelo menos em tempo útil.»*

Mas a ajuda chegou e foi socorrido. *«Para começar, estava atordoado, como se tivesse apanhado um murro na cara. E o socorrista, a forma como me pegou no pescoço… Ele sabia o que é que se tinha passado, eu não, e até comecei a dizer que o ia processar porque me estava a magoar… Enfim… Disparates. A primeira situação em que vi que a coisa deveria ser grave foi pelos médicos. A determinada altura disse "Já me podem baixar as pernas" e alguém disse "Mas ninguém te está a pegar nas pernas". E aí um dos médicos percebeu que eu não estava a sentir as pernas.»*

«Eu tive sorte!»

Logo que chegou ao hospital, nesse dia, foi informado de que, mesmo sendo operado, provavelmente iria ficar assim, tetraplégico, para o resto da vida. *«Mas eu não estava capaz de perceber o que é que ele me estava a dizer. Portanto, fui-me apercebendo da minha situação física, como iria ficar, aos poucos. Ao longo dos meses fui-me apercebendo que a recuperação não iria ser total. Lembro-me, se calhar na primeira ou na segunda noite, de pensar que iria deixar de fazer Esqui. Tinha momentos em que pensaria "Vou ficar assim para sempre!... ou não!", mas sempre com uma esperança de voltar a recuperar o máximo possível.»*

A recuperação, tal como o médico que observou e operou o Bento Amaral após o acidente, não foi significativa nessa fase, muito embora, tenha havido recuperação de alguma da sensibilidade perdida com o acidente, o que em casos como este é de assinalar.

Esteve cerca de nove meses internado, com algumas vindas a casa, ao fim-de-semana[11], mas só a partir do quarto mês de internamento. *«Eu estive internado de Agosto [de 94] a Março de 95. Lembro-me de pensar que saí de casa em Agosto, a achar que ia chegar, depois à tarde, bronzeado, e ter chegado em Novembro…a primeira vez que voltei a casa. Fui-me apercebendo aos poucos do que seria capaz, do que iria ser a minha vida no futuro e pensei em não hipotecar a minha felicidade para depois de estar fisicamente recuperado. Tentar ser feliz e ter uma vida normal com as capacidades físicas que tinha.».* Nesse aspecto, foi importante o apoio da família e dos amigos, que evitaram a sua entrada em depressão. *«Eu tive sorte que não tive isso. Francamente, eu acho que não conheço ninguém que não tenha tido essa depressão. Alguma ingenuidade, inocência da minha parte mas também o facto de ter tido o apoio da família e dos amigos, que nunca deixaram de me visitar e de me animar. Eles também viam que eu estava bem, portanto, acabava por não ser um peso virem visitar-me.»*

Ainda no hospital, começou a estudar, para terminar o curso de Engenharia Alimentar, com vista a realizar o sonho de trabalhar na área dos vinhos. Mas, nesse (antes simples) processo, deparou-se com obstáculos que nunca tinha enfrentado. *«Foi uma dificuldade enorme…a primeira batalha foi virar as páginas. Nem falo de escrever! Era uma coisa que demorava para aí cinco minutos ou mais…»* Mas isso não impediu que o objectivo fosse alcançado e terminou a licenciatura.

---

[11] - Um processo de adaptação gradual da família à deficiência adquirida (no caso, pelo Bento Amaral)

Depois, foi o regresso em definitivo a casa e um primeiro contacto com outra dura realidade. *«Talvez a fase mais complicada tenha sido, já depois de estar em casa, mais de meio ano depois do acidente (ou mais), a dificuldade em arranjar emprego»,* confessa o Bento. Também isso se resolveu, cerca de três anos depois do acidente, embora numa primeira fase, o trabalho fosse fora da área desejada e estudada. Colaborou com uma empresa que trabalhava em sistemas informáticos de apoio domiciliário a pessoas com deficiência. Com isso, *«conheci pessoas em situações semelhantes à minha e que me ajudaram a encontrar alternativas de comer, de escrever… por aí fora.»*

Foi assim que começou a nova vida do Bento Amaral. *«A partir daí, a vida tem sido francamente melhor do que eu estava à espera. Melhor do que eu estava a espera, antes do acidente!»*

Melhor

O Bento Amaral não nega que a vida mudou radicalmente, naquele dia de verão em 94 mas defende que, apesar de tudo, mudou… para melhor! Pode não ser possível ao mais comuns dos mortais entender isto mas é o próprio quem o explica. *«Sinto que sou mais livre do que era antes do acidente… Sinto-me mais eu, mais em paz comigo, e com o mundo, e com os outros, do que o que me sentia antes. Antes era uma pessoa muito alegre. Acho que hoje não sou uma pessoa triste. Sou uma pessoa mais serena. Não conseguimos nunca ter tudo o que queremos. Portanto, temos é que nos adaptar e ser felizes com o que temos.»*

Ora, o poder de adaptação é tudo numa situação destas e Bento não só o sabe, como o explica. O corpo ajudou e (acima de tudo ao nível dos braços e mãos) foi correspondendo aos esforços do Bento para recuperar alguns movimentos perdidos com o acidente e que lhe permitem hoje ter um pouco mais de autonomia.

Dependência de outros tem, acima de tudo, no que toca ao seu transporte. Seja para alguns movimentos caseiros ou para viagens do dia-a-dia, o Bento Amaral recorre aos que lhe estão mais próximos. No primeiro caso, à mulher, Carmo. No segundo, a um colaborador, sempre disponível para o levar onde for preciso. *«Viajo e não tenho uma limitação física maior do que a das outras pessoas. Muitas das vezes, as coisas não são feitas exactamente à hora que eu quero, mas isso não é necessariamente mau. Quem tem um filho, provavelmente, também não faz as coisas às horas que quer.»*

Ou seja, no fundo, o que se passou foi que não lhe bastou adaptar-se ao mundo ou esperar que o mundo se adaptasse a ele. *«Foram as duas coisas…Uma sem a outra não era possível. Se fosse só eu a adaptar-me ao mundo teria, provavelmente, ficado numa cama. O que é que isto quer dizer…podia ter tomado essa opção, de não ter tentado procurar chegar, integrar-me no mundo... Mas se não tivesse tido uma família e também amigos que se tivessem adaptado a mim, não teria ido a lado nenhum.»*

Mas foi. E a prova disso é que, hoje, o Bento Amaral trabalha com o seu "amor" de sempre: o vinho. Concluída a licenciatura em Engenharia Alimentar, a sua vida passou por Bordéus (França), onde se especializou em vinhos e actualmente desempenha as funções de chefe de Câmara de Provadores do Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto. *«Eu sinto-me realizado. Eu adorava provar vinhos.»*

Um sonho (mais) que o mar não lhe roubou.

Amar o mar

Fazer esta entrevista não me custou nada, confesso. Demonstrando ser uma pessoa com uma capacidade extraordinária de comunicar, com calma, ponderação e clareza de raciocínio, o Bento é o que um jornalista diz ser um excelente entrevistado. E de facto o diálogo flui com naturalidade, facilitando o trabalho de quem procura a informação. Do outro lado, apesar da duração da entrevista, noto que o esforço de ter de dar respostas a todas as questões é atenuado pela oportunidade de, enquanto a conversa decorre, o olhar poder relaxar no mar que se vê em fundo. Poder-se-ia pensar que o Bento, no mínimo, o culpasse pelo acidente, por não ter voltado logo para casa nesse dia de praia, pelos meses de internamento, pelo choque, pela cadeira de rodas, pelas pernas imóveis e insensíveis… Não. Nada mais longe da verdade.

«Tenho um fascínio muito grande pelo mar. Desde o ir à praia aos desportos… à Vela e, na altura, o Surf… e as "carreirinhas" – eu não era "profissional" mas adorava fazer – também! Lembro-me de, ainda no hospital, de pensar "Eu quando fiquei paralisado na água, fiquei a flutuar. Portanto, eu posso voltar a ir para a água".» E voltou mesmo. Logo que pôde, regressou ao convívio do "amigo". *«Na semana em que voltei a entrar no mar…e pensei: "Cá está ele! Cá está ele! Vamos voltar à relação." Não fiquei sufocado, mas fiquei a pensar… "Vou ter que reaprender a relacionar-me com ele como estou, exactamente como tive que reaprender a relacionar-me com as outras pessoas como estou".»*

E o regresso deu-se porque o Bento Amaral quis, logo que lhe foi possível, reatar a actividade desportiva. Queria voltar a velejar e competir, como tinha feito antes do acidente. *«Apesar de ter chegado a ser campeão nacional e ibérico de juniores na Classe Vaurien – uma classe secundária, diria – fazia Vela quase todos os fins-de-semana, tinha feito o Campeonato do Mundo, no fim-de-semana antes de ter tido o acidente tinha ganho uma regata regional, aqui no Porto. Era desportista federado e com uma prática regular de Vela.»*

Sente-se – basta estar atento por alguns segundos – que o Bento nutre, de facto, uma paixão grande pelo mar e que, de modo algum, ficou rancor do homem para com o elemento. *«Eu não penso no que a água me tirou. A mim traz-me paz. Eu diria que o mar é um companheiro, mais do que outra coisa qualquer. Se pensar em termos de vela é uma sensação de liberdade e de autonomia muito grande. Desculpe estar a olhar ali para o fundo, mas estou a olhar para o mar…»*

Competir? Claro!

O regresso à Vela deu-se em 2001. Mas *«o primeiro desporto que fiz foi Esqui na neve. Em 97, uma fisioterapeuta disse-me que havia umas cadeiras adaptadas na Serra Nevada. Num fim-de-semana saí daqui, fui até à Serra Nevada para experimentar. Experimentei e foi espectacular. Depois, em 99, fui aos Alpes; havia lá uma pista estranha e eu perguntava ao instrutor porque é que ninguém ia para aquela pista. Ele dizia: "Aquela pista tem que ser sempre em linha recta. Chama-se* ***Le Quilòmetre Lancé*** *(O Quilómetro Lançado). Queres ir lá?..." Fomos e batemos o recorde de velocidade de Esqui Adaptado! 120km/h. Foi oficioso, não foi oficial.»*

Pouco importa, na verdade. Nessa aventura, o Bento ficou ainda mais com a certeza de que o espírito competitivo e a capacidade para competir também não se tinham perdido na onda.

Por isso, logo que tomou conhecimento de que também havia Vela Adaptada, decidiu praticar para mais tarde entrar em competição. O que não desconfiava, quando se estreou na Vela Adaptada, era que futuramente essa seria também uma oportunidade de cumprir sonhos antigos. *«A minha ideia era andar um pouco pelo mundo a fazer vinho. A viagem chegou a ser feita com a Vela – Austrália – em 2004, onde fui vice-campeão do mundo.»*

Essa prova marcou-o, definitivamente. Apesar de na altura estar fisicamente debilitado devido a doença, sentiu que estava competitivamente bem e tomou contacto com uma realidade nova que, no fundo, era também a sua, trazendo do outro lado do mundo uma grande experiência. *«O que trouxe mais foi o contacto com pessoas deficientes que também faziam vela. Para mim foi uma surpresa ver pessoas deficientes que estavam bem também, que gostavam de fazer Vela, e as histórias dessas pessoas. Segundo, foi uma surpresa enorme. Claro que me deixou contente. Mas no ano a seguir [em Itália] ganhei o Campeonato do Mundo. Isso é que foi o sonho da adolescência. Que era uma coisa que já não era um sonho para mim como adulto. Como adolescente tinha o sonho de ser Campeão do Mundo de Vela. Aquele sonho que uma pessoa acha que nunca vão atingir, como para alguns actores, ser actor em Hollywood.»* Em 2005, então, o Bento Amaral atingiu a sua "Sunset Strip": foi Campeão do Mundo.

Porto seguinte: Pequim

Com um título mundial conquistado, a meta seguinte seria, naturalmente, tentar alcançar os Jogos Paralímpicos de Pequim. Mas isso trazia um problema ao velejador. A classe 2.4mr, a única individual designada pelo Comité Paralímpico Internacional (IPC) para os "Jogos" de Pequim, não era compatível com as características da deficiência do Bento. Isso obrigava-o a optar pela classe Skud 18 e a encontrar uma mulher (uma imposição da política de quotas do IPC), ou escolher a classe Sonar, o que o forçava a procurar duas pessoas que o acompanhassem na competição de Vela Adaptada.

A opção foi Skud 18 e a procura por uma mulher que fizesse proa começou. Ao fim de algum tempo, foi encontrada uma Luísa Silvano para quem um novo desafio é sempre para aceitar. A descoberta foi feita por intermédio do fisioterapeuta Pedro Cunha.

«Já encontrei a pessoa ideal para ti. E eu pensei "Está a ser um bocado optimista". Mas, depois, a primeira vez que a vi pensei "Está certo!". Acho que foi logo amor à primeira vista. Pela atitude, pela forma de comunicar ser parecida. Eu diria que nos entendemos bem. Acima de tudo, o espírito de sacrifício da Luísa foi muito importante.»

E a parceria de frutos. Em 2007, nos Estados Unidos, a dupla alcançou o 13º posto no Campeonato do Mundo. No ano seguinte, o dos Jogos Paralímpicos de Pequim, a mesma competição aconteceu precisamente na China (uma espécie de ensaio geral para as paralimpíadas) e o resultado foi uma subida ao pódio e uma medalha de Bronze, com o 3º lugar conquistado.

Da Luísa, apesar de ser nova na prática da modalidade e de ter muito a aprender[12] em pouco tempo, o velejador destaca uma entrega extraordinária, mesmo que a adaptação dela (ainda para mais, necessariamente acelerada) não tivesse sido nada fácil, fisicamente e não só. «*Fisicamente e do ponto de vista de sacrifício de fins-de-semana e tudo. Quando fez vinte anos de casada, passou aqui o dia connosco a treinar e depois foi para Viseu ter com o marido. Isto diz muita coisa. Foi uma óptima surpresa. Hoje digo que sou amigo da Luísa. Também ganhei uma amizade. »*

Ganhou uma amizade e também o acesso aos Jogos Paralímpicos. No final, após algumas peripécias e até uma avaria mecânica, 9º foi o lugar da classificação conquistado em Qingdao. Abaixo do desejado mas positivo, diz o Bento, dada a evolução rápida da qualidade dos participantes nos últimos anos.

[12] - Foi treinada desde o início por Afonso Amaral, irmão e treinador de Bento Amaral

O Futuro (claro como a água e simples como o vinho)

Ao questionar o Bento acerca do balanço que faz do percurso que o levou desde uma cama de hospital até à maior competição de desporto para deficientes, a resposta foi esta: *«Trouxe visibilidade, algum mediatismo à Vela Adaptada. Antes dos meus resultados, a Vela Adaptada era praticamente desconhecida e, agora, já tem algum tempo nos media. Com isso trouxe algum reconhecimento público, mas foi um contributo que eu diria pequeno…»*

E terminada que está, então, a carreira, Bento Amaral já sabe como vai acompanhar todos Jogos Paralímpicos, doravante.

«Vou torcer pelos portugueses (risos). Vou tentar acompanhar o melhor possível e tenho uma esperança ténue de que Portugal esteja representado na Vela Adaptada. A minha prioridade será, na medida da minha disponibilidade, dar visibilidade à Vela Adaptada. Também por isso é que me exponho a entrevistas e tudo. Porque acho que, para mim, é mais uma actividade… para pessoas que estão naquela fase que eu estive a seguir ao acidente, pode ser a realização pessoal e o dar o salto. Divulgar a Vela Adaptada para que haja mais portugueses deficientes a fazerem Vela, a serem felizes e a realizarem-se com isso.»

Ou seja, troca a água… pelo vinho. E não se arrepende. *«O vinho também é uma grande paixão. Sempre foi. E eu acho que sou um privilegiado ao fazer exactamente o que quero. Não sei se trocaria o meu emprego por outro qualquer.»*

Mas será que já tem saudades? *«Tenho boas recordações. Tenho boas recordações. Saudades é qualquer coisa a que uma pessoa ou pensa retornar ou gostaria. Tenho boas recordações. Acho que temos que saber viver com isso. São tempos passados. É preciso saber viver com o que passou e que foi bom.»*

E do amigo mar? Será que vai ter saudades? *«Espero que não! (risos). O ano passado só fiz três dias de praia e isso estou mortinho por voltar a fazer!»*

Quanto ao desporto paralímpico, ao fechar essa porta atrás de si, o Bento Amaral não deixa de lembrar um bom incentivo a dar, a quem vier a seguir: *«Se eu consegui estar nuns Jogos Paralímpicos, outros podem estar. Passar a palavra. Dar oportunidade a mais gente para fazer Vela Adaptada. Eu diria – fazer muito desporto como um todo. A integração das pessoas com deficiência na sociedade cada pessoa tem as suas particularidades e eu penso que o mundo pode ficar mais rico com isso.»*


A ATLÂNTICO


Clube de Vela Atlântico
Escola de Vela


UBE DE VELA ATLÂNTICO
ALPHAROPES



Lenine Cunha
4 de Dezembro de 1982
Atleta de Provas Combinadas
Deficiência Intelectual

A primeira – e aparentemente maior – adversidade na vida de Lenine Cunha é… o nome. Logo nas apresentações (e antes que a entrevista comece "a sério"), o atleta de 26 anos faz questão de frisar que, dali em diante, prefere ser tratado por "Lenny". A razão é simples: *«Não gosto de Lenine.»* E a "culpa" tem dono: *«Por os meus pais serem comunistas, eu é que tive de pagar e levar com o nome!»*

Mas não se pense que é só sisma do próprio. Há (ou já houve) mais quem não gostasse muito da opção dos progenitores do rapaz. *«Já passei muito! No baptizado, nem o padre me queria baptizar. A sério! Na escola, apanhei pelo menos dois professores que não gostavam de mim pelo nome e deram-me más notas por causa do nome. Não iam mesmo com a minha cara. Ainda passei muito! E agora, quando me perguntam o meu nome, eu digo que me chamo Lenny; "Mas és português?" Sim, sou. "Mas porquê Lenny?" Lenny vem de Lenine mas eu não gosto.»*

OK. Lenny será, então, daqui em diante também, pelo que se pede a atenção do leitor para o facto de que, apesar de ser conhecido no mundo do desporto pelo nome de berço, Lenine Cunha optou por ser tratado por Lenny. Um pedido que decidi respeitar, naturalmente.

A deficiência

Lenny tem deficiência intelectual. Uma consequência de um episódio de meningite que sofreu aos quatro anos de idade, e que lhe traz problemas, acima de tudo ao nível da aprendizagem. Foi desde cedo acompanhado psicologicamente e também por um psiquiatra mas as dificuldades na escola… *«Fui para o [Ciclo] Preparatório com dificuldades. Tive muitas aulas de apoio no 5º e no 6º Anos. Até ao 6º Ano passei sempre com ajuda das aulas de apoio e acompanhamento psicológico também. Depois fui para o Secundário. Aí, como havia mais disciplinas e como não tinha nada a ver com o 5º e com o 6º ano, comecei a ter muitas mais dificuldades. Reprovei três vezes no 7º, três vezes no 8º… Depois saí da escola …»* e lá só voltou há pouco tempo para, com a ajuda das "Novas Oportunidades", fazer finalmente os 7º, 8º e 9º Anos de Escolaridade. Com o tempo e o que a vida lhe tem dado em termos de experiência, o seu Quociente de Inteligência (Q.I.) tem vindo a crescer – e sabe disso – mas Lenny está ainda abaixo do valor que faz dele um atleta paralímpico, ou seja, com deficiência intelectual.

Do episódio de meningite, do período anterior e até dos primeiros dois anos depois, não tem qualquer memória. Por isso, diz que perdeu seis anos da sua vida. *«Perdi. Queria tentar lembrar-me dos meus avós, da parte da minha mãe. O meu avô morreu quando eu tinha quatro anos e meio, cinco (na altura do ataque de meningite) e a minha avó morreu quando eu tinha seis. E eu não me lembro de nada. Os meus pais contam-me histórias…porque quem tomava conta de mim era a minha avó… Principalmente disso, gostava de me tentar lembrar dos meus avós e não me lembro de nada. Não consigo.»* E não esconde a tristeza que sente por isso, porque nem com a ajuda de fotos consegue chegar a essas memórias perdidas, provavelmente para sempre. *«Não sei se vai lá… Acho que não. Se não foi até agora… acho que não vai. Não…»*

Não tem vergonha em assumir que é portador de deficiência, muito menos tem uma má relação com a deficiência em si. «Antes pelo contrário. As pessoas só me dão elogios de eu estar onde estou e trazer as medalhas que trago.» Se não tivesse sofrido o ataque de meningite *«estaria a treinar, não pelo desporto para deficientes mas na competição "normal". Eu faço as duas coisas. Ou então, se calhar, nunca passava os sete metros ou nunca seria o atleta que sou hoje se não fossem as provas que eu faço: Campeonatos do Mundo, Campeonatos da Europa, Jogos Paralímpicos. Se calhar, não tinha ganho a experiência que ganhei. Se calhar, não era o Lenine que sou hoje se não andasse no desporto para deficientes. Não sei… Mas que continuava no desporto, continuava.»*

Primeira memória

Como não tem qualquer memória dos primeiros seis anos de vida, o desporto acaba por ser a primeira coisa de que se lembra. *«Vem dos meus seis anos. Já lá vão vinte anos que pratico desporto. Tudo começou por umas primas minhas, que praticavam Atletismo (chegaram a correr com a Rosa Mota e a ganhar-lhe!), numa competição que se chama Jogos Juvenis de Gaia e eu comecei aí. Também por um amigo do meu pai (trabalham juntos), que tinha um clube, o Clube Desportivo do Candal. Eu fui e, a partir daí, já lá vão vinte anos.»*

Corre, salta, lança… ficar sossegado é que não. É assim desde miúdo, é assim nos treinos e é assim nas competições. Faz provas combinadas (corridas e saltos), como o Heptatlo, de que é Campeão e detentor do Recorde do Mundo. Correr dá-lhe "pica". Porquê? *«Não sei!... Eu desde que comecei a ser atleta de alta competição, desde que comecei a ir ao pódio, dá-me muita "pica" para treinar e trabalhar para chegar às competições e trazer seis… oito medalhas, como tenho trazido, ir ao pódio e ouvir o hino seis vezes, chorar por aquela medalha pela qual mais me sacrifiquei e que não contava nada ganhar – essas são as mais importantes. E acho que é essa a motivação para eu correr, e saltar, e fazer barreiras… Para fazer tudo!»*

Em pista, é uma espécie de "homem dos sete ofícios". Multifacetado, faz um pouco de tudo. Mas não foi sempre assim. Começou por fazer só corridas de 100m, Salto em Comprimento e Triplo Salto mas, mais tarde, aliando a apetência para provas técnicas com "um jeitinho aqui e um jeitinho ali", foi aumentando o seu leque de especialidades, que vai agora da corrida aos lançamentos, passando, claro, pelos saltos. Faz o Pentatlo em Pista Coberta[13] e o Heptatlo ao Ar Livre[14]. E, não haja dúvidas, faz bem! Ora venha de lá a "lista" dos recordes… do Mundo! *«Em Pista Coberta, tenho o recorde do Triplo Salto com 14.56m, e agora o Pentatlo são três mil, cento e não sei quantos [pontos], já não sei… Em Ar Livre, tive recorde do Heptatlo. E mais nada!»* Esses são os recordes mundiais; de fora ficam os europeus e, claro, os nacionais, dos quais ficaríamos aqui a falar por tempo indeterminado. O sucesso desportivo é tal que Lenny já chegou a conquistar oito (!) medalhas de uma vez. Não se lembra de voltar para casa "de mãos a abanar" e nem sequer imagina que isso possa acontecer. *«É raro perder! Ainda vai chegar a altura em que eu hei-de vir com as mãos a abanar mas… Não quero que isso aconteça mas pronto.»* O mais perto que esteve disso foi em 2003, na Tunísia. Foi lesionado, a tentar curar uma rotura mas não virou a cara à luta. *«Ainda participei em sete provas mas só vim com uma medalha».* Podia não ter ido, garante, mas quis fazê-lo, por Portugal.[15]

A vaidade faz parte?

Um recordista do Mundo tem de ser um tipo conhecido. Lenny é, e garante que é, tanto em Portugal como no Estrangeiro, tanto no desporto para deficientes como no dito "normal", onde também faz provas. Diz que *«se perguntarem quem é o Lenine, toda a gente sabe quem é».* Isso deixa-o feliz e puxa-lhe pela vaidade, que não esconde. *«Eu quando vou para as competições, tenho de aparecer sempre bonito, não é? Tenho de ir com o cabelo arranjado… Sou vaidoso, sou. Sou muito vaidoso.»*

---

[13] - O Pentatlo em Pista Coberta congrega as seguintes provas: as corridas de 60m Barreiras e de 1000m, Salto em Altura, Salto em Comprimento e Lançamento do Peso.

[14] - O Heptatlo ao Ar Livre congrega as seguintes provas: Salto em Comprimento, Salto em Altura, Lançamento do Peso, Lançamento de Dardo e ainda as corridas de 110m Barreiras, 200m e 1500m

[15] - Em Julho de 2009, pouco tempo depois da entrevista feita para este livro, o Lenny voltou a quebrar o Recorde do Mundo do Heptatlo. Foi nos Global Games, em Liberec (República Checa). O novo máximo fixado pelo atleta português em 4.132 pontos (superando o anterior recorde, também seu, de 4.002 pontos)

Diz que o facto de fazer muitas provas em dois dias (por exemplo, o Heptatlo), de andar *«a saltar de prova em prova»*, ajuda-o a ser conhecido e acarinhado por todos. Ter a atenção do estádio a vê-lo "pular" de um lado para o outro da pista parece, definitivamente, ser a parte favorita do atleta em dias de competição. Talvez por isso, o local escolhido para esta entrevista, o Estádio Municipal da Maia, cuja pista é palco dos treinos e muitas provas de Lenny Cunha, o deixe tão à vontade durante todo o nosso encontro. À hora em que falamos não há provas nem treinos, um funcionário camarário corta a relva do complexo, enquanto o campeão vai apontando para vários pontos do estádio, para explicar por onde anda quando compete. *«Adoro estar num estádio, numa competição, e andar a correr de um lado para o outro. Estar a fazer o Dardo, por exemplo, e estar no Salto em Comprimento na mesma altura. Dá-me muito mais "pica"! A primeira vez que aconteceu isso foi muito frustrante. A partir daí habituei-me e até gosto. Gosto muito! E, lá está, a vaidade vem daí, porque dou nas vistas e os juízes começam-se a rir e eu tento falar Inglês – que falo pouco – para eles, a dizer que vou para Salto em Comprimento, que já venho, que vou para o Dardo outra vez, assim sempre a correr de um lado para o outro… Eu gosto!»*

Portanto, se a vaidade faz parte? Pelos vistos, faz.

Edwards, o "professor" da "Tele-Escola"

Como toda a gente – e, principalmente, como qualquer desportista – o atleta do Clube de Gaia e da Académica de Coimbra, tem um ídolo, que lhe serve de modelo. Sendo um especialista em Triplo Salto, Lenine Cunha (perdão… Lenny) quer seguir as passadas (e os saltos) do ainda detentor da melhor marca mundial da especialidade, Jonathan Edwards. *«Eu aprendi a saltar Triplo Salto, quando era mais "chavalo", mais miúdo, com o recordista mundial, a vê-lo na televisão, com o Jonathan Edwards. Via as provas, via-o saltar, chegava aos treinos e fazia. Para mim, é um ídolo.»* Não se sabe se Edwards, o ex-Campeão Mundial e Olímpico, conhece Lenny, o Campeão Mundial e aspirante a Campeão Paralímpico mas uma coisa têm em comum, para além do Triplo Salto: o pódio, com direito a ouvir o hino. E, no caso do português, hino com direito a lágrimas. Porquê? *«O hino emociona-me… Eu também sou um chorão. Quando estamos numa competição em que o som do hino esteja bem alto… a mim, arrepia-me, começo a chorar…»* É assim que quer continuar a festejar as conquistas com as cores de Portugal e, se possível, poder depois voltar a casa como outro saltador, que também é um exemplo e que até é português. *«Também quero chegar ao aeroporto, como o Nelson Évora chegou, e ter uma multidão à minha espera!...»*

«Londres! Vai ter que ser em Londres!»

Os olhos de Lenny estão agora postos num só objectivo: os Jogos Paralímpicos de Londres. Aliás, desde Sidney, no ano 2000, que o atleta espera nova oportunidade de voltar. *«Foi a minha maior competição. Foi a competição de que mais gostei. Foi uma loucura! No dia da minha prova, estava o estádio cheio, com 60 mil pessoas! Eu tinha 17 anos. Fui para lá com 6.25m no Salto em Comprimento, saí de lá com 6.62m. A partir daí comecei a trabalhar mesmo a sério. Foi muito bom!»*

Mas irregularidades detectadas em algumas delegações (que, alegadamente, terão levado aos Jogos Paralímpicos atletas com falsos atestados de deficiência intelectual) ditaram a suspensão daquela área de deficiência para que as "regras do jogo" fossem revistas. Foi assim em Antenas 2004 e Pequim 2008, que não tiveram competidores deficientes intelectuais.

Agora, em Londres 2012, Lenny espera que o regresso possa mesmo acontecer. *«Eu disse em Sidney, em 2000 – eu fiquei em 5º lugar, na altura, com 17 anos, que foi muito bom – que queria ganhar uma medalha paralímpica. Já ganhei tudo o que havia para ganhar! Já fui Campeão do Mundo, já fui Campeão da Europa e tenho Recordes do Mundo… só que uma medalha paralímpica eu não tenho e vai ser em Londres! Vai ter que ser em Londres!»* No entanto, até de 2012, há muito para fazer. Aliás, há *tudo* para fazer. *«Eu faço tudo o que for preciso para ir a Londres! Nem que tenha de treinar de manhã e de tarde… eu faço tudo para ir a Londres! É o sonho de qualquer atleta estar numa competição dessas!»* Uma vez lá, Lenny garante que não importa qual o metal – Ouro, Prata ou Bronze – e recorda o discurso de Sidney: *«Eu quero uma medalha paralímpica! E passados doze anos de eu ter dito isso, vou ter que o realizar. E vou!»* Quis confirmar até que ponto ia a determinação do atleta; por isso, perguntei-lhe se não teria a noção de que aquela era uma promessa muito arriscada de se fazer. *«Se eu estiver em Londres… A partir do momento em que eu esteja em Londres e no dia da prova, garanto que trago uma medalha! No dia da minha prova, eu digo que trago uma medalha e trago mesmo!»*

Palavra de Lenine Cunha!… Perdão… Palavra de Lenny!









Hugo Passos
27 de Setembro de 1979
Lutador
Deficiência Auditiva

Antes de tudo mais, impõe-se uma pequena nota prévia. Embora este livro se debruce sobre o ciclo paralímpico que há-de culminar em Londres, nos "Jogos" de 2012, Hugo Passos, sendo surdo, luta (literalmente) para estar numa outra competição. Os atletas com deficiência auditiva têm os seus próprios "Jogos", organizados pelo Comité Olímpico dos Surdos. Serão em Atenas, em 2013. Não deixámos, naturalmente, que esse facto excluísse as pessoas com deficiência auditiva deste projecto. Por isso, com todo o gosto, abrimos esta excepção; a tal que confirma a regra.

* * *

Hugo Passos é, possivelmente, um dos "segredos" mais bem guardados do desporto nacional. É que, independentemente de ser surdo, o lutador (praticante de Luta Greco-Romana), é uma referência mesmo entre os lutadores ditos "normais". No nosso país (é mesmo o melhor lutador português da actualidade) mas também muito para lá das nossas fronteiras.

Surdo-mudo, não!

Hugo Passos é surdo de nascença, devido a um problema de saúde da mãe. Mas isso não o impede de falar. No dia da entrevista, aproveita o cumprimento inicial para esclarecer, através da sua própria voz, que não é surdo-mudo; só surdo, ainda que fale pouco.

Ou, melhor, não se pode dizer que o Hugo fale pouco; não fala é muito, porque reduz a comunicação às palavras mais básicas e a frases muito curtas, para que lhe seja possível, simultaneamente, entender os outros e fazer-se entender. Para quem não está habituado (ainda para mais, quando a profissão exige o uso de linguagem muito detalhada e descritiva, como a de Jornalista), os primeiros minutos de uma entrevista como esta obrigam a um rápido "reajuste de parâmetros", utilizando poucas palavras (acima de tudo, simples) nas perguntas e esperar ainda menos palavras (possivelmente, ainda mais simples) nas respostas.

Daí que as citações, no caso da entrevista do Hugo, sejam poucas, o que, obviamente, não quer dizer que o atleta não tenha respondido. Este texto tentará da melhor maneira possível relatar as ideias mais fortes do discurso do atleta.

Um surdo entre "ouvintes"

O Hugo é um excelente desportista. Apesar de ser surdo, julga que o facto de ter nascido "diferente" não é necessariamente mau. Sente-se perfeitamente normal e até diz que *«ouvir ou ser surdo é igual»*. Ou, melhor dizendo, é… quase igual. Na Luta, talvez tivesse alguma vantagem, se pudesse ouvir. A surdez obriga-o a olhar para o relógio de prova várias vezes para *«ter atenção ao tempo»* e também a *«olhar para o treinador»*, para receber indicações em pleno combate. Coisas que os lutadores "ouvintes" não precisam de fazer, porque podem receber indicações ditas em voz alta pelos técnicos. São pormenores que se tornam "pormaiores" em competição e que trazem a Hugo Passos, naturalmente, alguma desvantagem mas apenas em relação aos atletas ditos "normais", visto que o nível do Hugo é tão alto que se bate de igual para igual também nas competições fora do espectro do Desporto Adaptado. Aí, sim, a deficiência do Hugo traz-lhe desvantagem. Mas ele não se queixa. Reconhece que não ouve, é certo, mas que vê «melhor que os outros», tenta ser mais rápido e tem mais atenção.

É assim hoje e foi assim desde sempre, nos desportos que praticou, mesmo antes da Luta.

"Filho és, pai serás…"

Em criança, só o facto de falar pouco tornava o Hugo diferente dos outros miúdos. De resto, até estudou numa escola primária normal. Os colegas tinham era de *«falar devagar»* e os professores também. Só isso. O início dos estudos foi igual ao de qualquer outra criança mas com algumas particularidades inerentes à surdez. Pode parecer paradoxal mas a grande dificuldade foi mesmo a Língua Portuguesa. Porquê? Porque a simplicidade que se impõe na comunicação com o Hugo Passos leva a que muitas palavras sejam supérfluas. O Hugo (como qualquer surdo) entende muito melhor o que lhe dizem se for dito em poucas palavras. Por isso, a aprendizagem do Português foi muito complexa, visto que não usa grande parte do léxico. Mas gosta de falar e até tem duas palavras preferidas: *«Amor»* e *«Querida»*. Pergunto-lhe se estão relacionadas… O Hugo ri-se.

Por falar nisso, de uma relação que durou nove anos nasceu o Tomás, em 2004, sem qualquer deficiência. Nasceu, curiosamente, quando o Hugo estava em competição, nos Jogos Olímpicos de Atenas. Conheceu-o… por fotografia, imagine-se. É, claro, o seu "mais-que-tudo" e ensina-lhe pessoalmente a Língua Gestual para que ele a aprenda a par com o Português falado.

Da pista ao tapete, passando p'la bola

Como chegou à Luta… não sabe bem. Desde pequeno que Hugo Passos queria fazer qualquer desporto, fosse o que fosse. O pai deu-lhe a escolher entre vários. «Futebol, Luta, Atletismo… Era à escolha. Futebol… Luta… Um qualquer!» Começou por praticar Atletismo no Belenenses. Depois disso, escolheu outra coisa. *«A Luta… e correu bem! (risos)»*

Pelo meio, ainda jogou Futebol… Aliás, ainda joga, de vez em quando. Joga «a meio-campo» e diz que tem jeito. No Atletismo, fez Salto em Altura, Salto em Comprimento, Salto à Vara e 5000 metros. Se era bom…? «Era… mais ou menos!», responde entre risos. Isto foi por volta dos 13 anos de idade. Aos 14, então, enveredou pela Luta.

Não quer revelar – vá lá saber-se porquê – se andava à bulha nos recreios (convenientemente, diz que não se lembra) mas deixa escapar que, se alguma vez aconteceu, ganhou de certeza… e ri-se com genuíno gozo.

«É uma lenda!»

Começou, então, a fazer Luta em 1993 no Grupo Sport Chinquilho Cruzeirense[16], um clube do Bairro da Ajuda, em Lisboa. Depois, passou pelo Sporting durante três anos e por fim, chegou ao emblema que actualmente representa, o Casa Pia de Lisboa. E competiu sempre tanto no Desporto Adaptado como nas provas dos sitos "normais". A Federação Portuguesa de Lutas Amadoras fez um pedido especial às instâncias internacionais que reconheceram ao Hugo a capacidade de competir com todos os atletas, com e sem deficiência. E assim, ele pôde ir aos Jogos Olímpicos de Atenas, representando a Selecção Nacional[17]. O treinador David Maia[18] revela que ficou realmente surpreendido quando descobriu que o seu atleta *«é uma lenda entre os surdos! Fui com ele pela primeira vez à Austrália [em 2005, nos Jogos Surdolímpicos, onde foi Campeão] e ele é uma lenda! Vem lá nos livros a referência aos Jogos Olímpicos e vem sempre a falar no Hugo! É uma lenda!»*

---

[16] - Fundado a 20/02/1928, tem, entre outras modalidades, uma Escolinha de Luta com o nome de Hugo Passos, em sua homenagem.

[17] - Os surdos não competem nos Jogos Paralímpicos mas sim nos Jogos Surdolímpicos. Segundo informação fornecida pelo Comité Paralímpico de Portugal, os «Surdolímpicos são o segundo evento multi-desportivo mais antigo, com a primeira edição em Paris no ano de 1924, onde participaram 145 atletas de nove nações europeias. Realizam-se de quatro em quatro anos e foram o primeiro evento desportivo internacional para atletas com deficiência auditiva.» Foram inicialmente denominados "Jogos Internacionais para Surdos". A participação do lutador nos Jogos Olímpicos (de atletas sem deficiência) é, por isso, algo de raro, importante e exemplificativo do valor desportivo de Hugo Passos. Em Atenas 2004 foi 21º classificado, defrontando atletas sem qualquer tipo de deficiência.

[18] - Foi também lutador tendo participado nos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996. Foi 17º classificado na prova de 57Kg de Luta Greco-Romana.

Nessas competições, com os ditos "normais", toda a gente o conhece, sabe que é surdo e ninguém facilita… porque não pode. Os técnicos que o acompanham garantem que o Hugo luta de igual para igual contra quem quer que seja e os adversários sabem que ele compensa em força e rapidez aquilo que perde com a falta de audição. Mas dizem mais. Que os outros treinadores e atletas fazem imensas perguntas sobre o Hugo, em qualquer parte do mundo. Ri-se quando lhe pergunto se é famoso… mas faz questão de acrescentar *«Lá fora…»* e ri-se ainda mais quando lhe pergunto se sabe quantas medalhas já ganhou. *«Pá… Não sei! Tenho uma caixa no quarto! Não! Uma, duas… tenho três caixas!»*

No pódio, com Portugal ao peito

Medalhas que começou a trazer para casa bem cedo e algumas muito especiais, tanto para ele como para o País. A mais memorável, confessa, é a de Prata, conquistada em 1999, no Campeonato da Europa de Juniores. Nessa ocasião, sim, a falta de audição foi absolutamente decisiva. A poucos segundos do fim, o Hugo estava a ganhar mas por não ter indicação do tempo que faltava para o fim do combate, acabou por se desconcentrar e perder a Final. Ainda assim, foi a primeira medalha ganha por Portugal nas Lutas Amadoras. E a verdade é que no nosso País, só mesmo os mais atentos sabem que foi um atleta surdo o pioneiro nisto de levar a bandeira portuguesa aos pódios internacionais da Luta Greco-Romana.

Agora o grande objectivo é a participação nos Jogos Surdolímpicos de 2013, em Atenas, para logo a seguir tomar uma decisão muito importante. Mas já lá vamos. Antes, vai ter de lutar para chegar também aos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012, voltando a competir com os melhores atletas ("ouvintes") do mundo. Quanto a uma boa classificação… ou mesmo ganhar… *«Vamos ver… Nos oito primeiros era bom.»*

Mas o seu "território" é mesmo o dos Surdolímpicos. Sempre que esteve presente, voltou de Ouro ao peito. O Hugo é já tricampeão de Luta Greco-Romana nos Surdolímpicos. Venceu em 2001, em Roma, na categoria de 60Kg e foi considerado o Melhor Lutador dos "Jogos". Título renovado quatro anos depois em Melbourne, na mesma categoria, sendo também considerado o Melhor Lutador da competição e, finalmente, com novo Ouro em Taipé, em 2009, mas na categoria de 66Kg.

Seguem-se os Jogos Surdolímpicos de Atenas, em 2013, com Hugo Passos (que à data estará perto de fazer 34 anos) à procura do quarto título consecutivo, para dar um fim dourado à carreira internacional. Depois… «quero ser treinador», diz o Hugo, com um brilho nos olhos, para logo a seguir fazer um reparo. *«Espera! Lá fora, acabo. Mas continuo a lutar no clube… até aos 40 anos! (gargalhada) »*

“Atleta és, treinador serás…”

A cumprirem-se ambos os desejos, poderá “dividir-se” como lutador-treinador. E até já “treina” para essa futura função. Dá uma ajuda aos mais novos nos treinos do clube e das selecções, sempre que lhe pedem. E há mesmo um possível futuro lutador que lhe “exige” essa ajuda. O Tomás gosta de ir ver o pai lutar e insiste em pedir-lhe para o levar para o desporto que lhe dá medalhas. *«Às vezes, à noite, vem dizer “Pai! Leva-me à Luta!” e eu digo “Está bem! Vai dormir!” E depois luta, luta, luta comigo em casa! Não pára!»*

O Hugo está decidido e promete, depois de 2013, estudar para ser um treinador tão bom quanto é lutador. E quer chegar a Seleccionador Nacional. O dia de passar de dentro para fora do tapete ainda não chegou mas não resisto a perguntar-lhe se, um dia, quer “ensinar” Campeões do Mundo. Hugo Passos, um Campeão do Mundo, não hesita na resposta. *«Oh! Gostava! Gostava!»*

PORTUGAL
SPORT ZONE



Mário João Peixoto
18 de Julho de 1975
Praticante de Boccia
Paralisia Cerebral

Poderia dizer que o Mário Peixoto foi "normal" durante apenas três dias. Tecnicamente, a verdade até é mesmo essa. O Mário, apesar de prematuro, nasceu sem qualquer problema de saúde e assim viveu os seus primeiros três dias. A grande preocupação nessas 72 horas até foi o irmão gémeo, Alberto, que nasceu com problemas pulmonares, devido ao facto de o parto ter acontecido tão cedo. Só que, depois… bom… O Mário explica.

Ser "normal" é só um estado de espírito

«Nasci bem. Só que, passados três dias de nascer, tive convulsões. Nasci prematuro, com sete meses, e nasci num hospital que não estava devidamente estruturado para prematuros.»

A consequência dessas convulsões foi Paralisia Cerebral. Ao irmão nada aconteceu (recuperou totalmente dos problemas respiratórios) mas isso não quer dizer que ele seja "normal" e o Mário não. Aliás, o Mário é o próprio a dizer que sempre se sentiu *«perfeitamente normal. Nunca liguei muito a isso. Precisamente porque nunca me conheci de outra forma.»*

Nem o poder ver-se "espelhado" no irmão gémeo, o estar numa cadeira de rodas ou o facto de ter pouca autonomia alteram o seu modo de ver as coisas. Tudo o que fez nos primeiros anos de vida acaba por dar-lhe imensa razão nesse argumento.

«Andei numa escola normal. Um infantário normal. Tenho um irmão gémeo e fui sempre acompanhando com o meu irmão até ao 12º ano. Foi uma infância normal. Muitas vezes pegavam em mim. Sempre me senti uma pessoa normal. Nunca me senti discriminado pelo facto de estar numa cadeira de rodas. Se fui muito acarinhado? Sempre. Ainda hoje tenho amigos de infância que contactam comigo.»

Garante que nunca sentiu discriminação de qualquer espécie; nem sequer a habitual crueza infantil. *«Nunca me senti ofendido por ninguém. Na escola, sempre me trataram muito bem. Professores, alunos, funcionários. Mesmo na rua. Sempre brinquei na rua, com os meus amigos. Nunca houve problemas. Sinto-me um privilegiado.»*

Daí que difícil – e errado, atrevo-me a acrescentar – seria mesmo que o Mário se sentisse diferente de qualquer outra pessoa, mesmo que não tenha feito nunca algumas coisas que qualquer outra pessoa já fez.

«Às vezes perguntam se gostava, por exemplo, de andar…de correr ou assim…e eu digo "Não sei, porque nunca andei"… Acaba por ajudar, porque nunca tive essa sensação.»

A família

Este estado de espírito do Mário só é possível porque, desde que se conhece, no seu dia-a-dia o que sente dos outros é inclusão e colaboração, nunca o contrário.

Por ter uma vida tão "normal", o mundo dos deficientes não era de todo o seu. Até que chegou o desconfortável primeiro contacto com realidades tão semelhantes mas, ao mesmo tempo, com histórias tão diferentes da sua.

«Eu só comecei a notar que havia histórias dessas quando fui para a APPC[19]*. Pensei o que você está a pensar agora. Pensei: "Caramba, a minha história é completamente diferente da vossa. Eu sempre fui para todo o lado, sempre brinquei, nunca fui ofendido… Até me custou um bocadinho ao princípio, quando comecei a conviver com deficientes, porque eu estava mais habituado a pessoas "normais". Os meus amigos, com quem eu saía, eram todos "normais". Ao princípio foi um bocadinho complicado.»*

Segundo o que Mário conta, as histórias de vida que ouviu ao chegar à APPC e, portanto, ao estar pela primeira vez mais de perto com outros portadores de deficiência estavam cheias de referências a discriminação, clausura, isolamento e tristeza. E ele, que tinha uma história totalmente diferente, não sabia bem o que sentir.

«Dá um bocado sentimento de revolta, porque eles passaram por tanto e eu fui um felizardo sempre. Se me sinto culpado? Culpado não, mas fiquei sem saber o que dizer a alguns deles. Dizer que sou feliz, se calhar, ia causar mais tristeza neles. Olhe, até evitava falar nisso.»

Tudo porque a vida que conhecia não tinha as limitações de que os outros deficientes falavam e se queixavam. A família fez tudo para que assim não fosse.

«Sei que a minha família passou por muito, a tentar arranjar maneira de melhorar. Mas, depois de se conformarem com a deficiência, sempre me deram uma vida normal.»

Uma vida normal… dentro do possível. A Paralisia Cerebral é extremamente limitadora da autonomia do portador da deficiência. A atrofia dos membros superiores e sobretudo dos inferiores implica quase sempre ajuda de outros para praticamente qualquer actividade. Ainda assim, o Mário defende que é mais independente do que se possa imaginar. *«Eu sou eu, não sou comandado por ninguém. Se eu vou para ali é porque quero ir para ali, não é porque me mandam para ali.»*

---

[19] - Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral; actualmente designada APCB (Associação de Paralisia Cerebral de Braga)

O que é facto é que, se o Mário vai "para ali", a família acompanha-o. Aliás, a união da família é bem perceptível, em especial, a ligação entre o Mário e o irmão Alberto, que faz tudo por ele. *«Tudo. E eu por ele. Na escola, sempre nos ajudámos. Estudámos juntos. Havia matérias que eu sabia mais, outras menos. Sempre fomos muito unidos. Os nossos pais sempre nos trataram de igual para igual.»*

Uma ligação tão forte que se estende… ao desporto. Ao Boccia, onde o Alberto é o auxiliar do mano Mário. *«O meu irmão está aqui porque eu vim para aqui. Perguntaram-me se eu queria pertencer à equipa de Boccia. Eu aceitei e precisava de um auxiliar voluntário. Falei com o meu irmão e ele aceitou logo vir também. Ou seja, ele está aqui por minha causa.»*

13 bolas

Ora… precisamente, o Boccia. A modalidade que fez do Mário Peixoto atleta de alta competição e em que Portugal é uma das maiores referências a nível mundial mas que, ainda hoje, é bastante desconhecida entre a grande maioria da população. Daí que o Mário dê uma ajuda a quem pegue neste livro e, eventualmente, possa precisar.

«O Boccia é um jogo que é jogado com 13 bolas. Seis de cor vermelha, seis de cor azul, e uma bola que é branca. O objectivo é aproximar as bolas de cor da bola branca. Como é que isso se faz? Treinando. Pontaria. Precisão. É parecido com a Petanca.»

Feitas as "apresentações", seguem-se as explicações. *«Sempre gostei muito de desporto e não encontrava uma modalidade que pudesse praticar. E, então, quando encontrei o Boccia, foi muito bom porque ali estava uma coisa que eu podia fazer. Estava no 12º ano e o meu terapeuta ocupacional convidou-me; (perguntou-me) se queria pertencer à equipa de Boccia e eu fiquei de aparecer no primeiro treino daquela época. A partir daí, fiquei.»*

Até ali, confessa, só conhecia a modalidade *«de vista»*. Mas ao perceber que podia praticá-la começou a ir aos treinos e, no primeiro, que aconteceu a 9 de Outubro de 1992, com a excitação até pensou *«que era tudo muito fácil. Pensei: "Faço isto na maior!" Não é bem assim. Aquilo é um bocadinho mais complicado! Não tem nada a ver com aquilo que eu pensava na altura!»*

Foi nos treinos que conheceu José Carlos Macedo, hoje amigo, colega e também adversário pontual. *«Foi exactamente no primeiro dia de treino. Quero dizer, eu já o tinha visto na praia mas não convivi com ele. Quando o vi no primeiro dia de treino reconheci-o mas foi a primeira vez que tive contacto mais a sério com ele.»* E com o José Carlos o Mário acabou por formar equipa desde então, na APPC, na Selecção Nacional e inclusivamente no clube actual, o Sporting Clube de Braga, cuja secção de Boccia foi criada recentemente e para onde ambos se transferiram no fim de 2008.

Também aí percebeu que não estava habituado a lidar com pessoas com deficiência. Pequenas coisas, como o modo de falar do José Carlos, faziam alguma confusão ao Mário.

«Lembro-me que fiquei um bocado admirado por ele não falar como eu falava. Fez-me sentir pena dele.» Mas, depois, viu-o a jogar Boccia e a opinião que tinha dele mudou… um bocadinho. *«Pensei que, se calhar, não era tão dependente como eu julgava.»*

À distância do tempo, o Mário reconhece hoje que o José Carlos *«foi uma influência para mim. Pensei: "então quero ser como ele". Foi como que uma referência para mim. Como eu sei que, hoje, também sou uma referência para outras pessoas.»*

Já voltamos a estes dois, mais à frente.

«Ganhei!»

No início desse percurso competitivo, actualmente já com mais de 15 anos, o Mário evoluiu rapidamente. *«Em 92, em Dezembro salvo erro, fomos fazer uma demonstração a um colégio em Braga. A seleccionadora nacional estava lá e, então, ela disse-me: "se continuar assim, vai longe". E eu fiquei a pensar naquilo.»*

Mas a chamada à selecção não foi assim tão célere. Durante quatro anos o Mário Peixoto desenvolveu e aperfeiçoou a sua forma de jogar Boccia e a recompensa acabou por surgir. *«Em 97 fui seleccionado pela primeira vez. E, desde 97, nunca mais saí da selecção, à excepção dos Paralímpicos. Pequim foram os meus primeiros Paralímpicos.»*

A primeira prova a nível internacional aconteceu, então, em 97. Foi o campeonato da CP–ISRA[20] e, pelos vistos, correu-lhe bem. *«Ganhei! (risos) Cheguei lá e joguei com uma calha que nem sequer era a minha, porque a minha calha perdeu-se na viagem de avião, e eu tive que pedir uma calha emprestada à atleta inglesa. Não estava nada habituado a ela, completamente diferente da minha, e acabei por ganhar! (risos). Acho que até hoje se deve arrepender de me ter emprestado a calha! (risos) Na primeira internacionalização ganhei a medalha e ouro… muito bom!»*

[20] - Associação de Desporto e Recreio para a Paralisia Cerebral (tradução livre para: Cerebral Palsy International Sports & Recreation Association)

No entanto, a vitória que mais o marcou aconteceu dois anos depois, na Argentina, contra todas as adversidades. *«Tive um azar, porque o meu auxiliar (que é meu primo) semanas antes de irmos para a Argentina, partiu o pé. E tive que arranjar um auxiliar que não estava habituado a treinar comigo, embora soubesse muito bem o que era o Boccia, porque era auxiliar da APPC do Porto. Também foi por ele que ganhei a medalha, porque deu-me muita força e ajudava-me muito psicologicamente, e eu fui com muita força para esse campeonato. Dei tudo por tudo e consegui. Gostava de agradecer ao Henrique o apoio que me deu, em 99, na Argentina e ajudou-me certamente a ganhar a Medalha de Ouro. Está gravado! (risos)»*

Por tudo isto, esse triunfo, diz, *«foi o mais especial até agora.»* Nesse dia, ter-lhe-á passado muita coisa pela cabeça, de certeza. Mas, normalmente, em que pensa o Mário em dia de competição? *«Penso que tenho que ganhar aquele jogo. Não tenho superstição nenhuma, não faço nenhum ritual. Apenas entro para ganhar.»* Sim... OK... Mas é só optimismo antes de um jogo? *«Às vezes, dá-me vómitos. Mas passa. Foi mais ao princípio. Agora, já controlo melhor essa situação. Antes do primeiro dia de aulas também me davam assim vómitos.»* Então, isto é antes do jogo. E depois? Se perde, como é? *«Fico…a pensar no próximo jogo. Houve uma altura em que perdi, não passei à fase final, e fiquei um bocado em baixo. Foi só nessa altura… Claro que fico chateado por perder, mas passa.»*

O Zé (e o Armando)

O nervosismo de que fala o Mário é uma característica sua, que não vê no habitual companheiro de equipa, o amigo, colega e também adversário José Carlos Macedo, um jogador mais confiante, solto, por vezes até demais, diz o entrevistado. *«Devia ser mais assim. O Zé Carlos é assim. Eu não sou tanto assim. Pode ser um defeito…Mas, também pode ser uma virtude. Depende da situação. Porque se começar a tremer muito… Normalmente, quem fica muito eufórico com a vitória, deprime muito com a derrota.»*

As diferenças a nível do estilo de jogo são marcantes na relação entre os dois. *«Tenho um jogo mais defensivo e ele joga mais ao ataque. Mas, eu estou a tentar inverter a situação e ele também! Para nos aproximarmos um do outro. Eu tenho que acalmar um bocado e ele tem que ser mais agressivo.»*

E, ao contrário do José Carlos, o Mário não gosta mesmo nada de ter o público contra si. No fundo, parecem um pouco a "noite" e o "dia", estes dois. *«É por isso que em pares somos uma boa dupla. Completamo-nos um ao outro. [E tem que lhe chamar a atenção?] Sim, às vezes. Como ele, às vezes, também me chama a mim, quando é preciso atacar mais. O que é que eu lhe digo? "Calma! Vê lá o que é que fazes! [E o que é que ele diz a si...?] (risos)».* OK. Já deu para perceber...

Apesar dessas diferenças (e, se calhar, até de alguns desentendimentos ocasionais em prova resultantes delas), mantém uma boa relação de amizade e companheirismo. *«A nível pessoal damo-nos bem, somos amigos, falamos de tudo. A nível competitivo, somos…adversários respeitáveis! (risos). Não é um inimigo, é um adversário.»*

Na apresentação desta relação de amizade está a faltar um elemento, ainda não mencionado. Armando Costa, atleta também com paralisia cerebral, de 34 anos, medalhado em todas as paralimpíadas desde 1996, em Atlanta, onde foi mesmo Campeão Paralímpico em pares BC3; foi também Medalha de Prata em Sidney 2000 e Bronze em Atenas 2004, competindo individualmente. É uma espécie de "Querido Inimigo" ou "pior amigo", tanto para o José Carlos como para o Mário Peixoto. No fundo, são todos grandes amigos e sempre que se encontram, a boa disposição impera. O Mário, que até ri muito, reconhece que há alturas em que se ri ainda mais. *«Sempre gostei de rir muito. Então se junta o Armando!...(risos) É uma galhofa!»*

Foi com o Armando (e ainda com Eunice Raimundo) que fez equipa em Pequim, conquistando o Bronze [Coreia, Ouro; Espanha, Prata] na competição ainda denominada de "Pares" na categoria BC3, apesar de, na verdade, ser disputada por trios mistos. A nova imposição das quotas impediu que os "três mosqueteiros" formassem equipa quando, finalmente, as equipas foram alargadas em um elemento. *«Senti pena porque era a primeira vez que podíamos ir os três juntos – eu, ele e o Armando. No primeiro ano que podíamos ir os três, aparece a quota feminina, que nos impediu de ir os três. Preferia ter ido com o Zé Carlos. Porque estava mais habituado com ele. Espero que ele volte. Também fico um bocado triste se ele não voltar ao melhor dele.»*

Ainda assim, sem o José Carlos, a equipa na competição de "Pares", trouxe uma medalha para casa, sinal de que houve bom entendimento entre os seleccionados. Já na competição individual... bom... o entendimento entre o Mário e o Armando, simplesmente não era possível. É que, de colegas, passaram a... adversários directos.

«Fui eu que o eliminei em Pequim…» Sim. A caminho da Final B, nos Quartos-de-Final, o Mário Peixoto superiorizou-se ao Armando Costa, com o resultado de 3-2 a ditar a passagem do primeiro, que seguiria até ao jogo de atribuição de terceiro e quarto lugares, acabando por ficar fora das medalhas, batido pelo coreano Ho Won Jeong. Mas esse encontro fratricida não foi nada fácil, principalmente quando terminou. *«Ele não queria falar comigo, mas eu falei com ele! Ele desapareceu no final do jogo…»* Nada de grave. Foi só o sentimento da derrota a "falar". Até porque, em competição entre os três amigos (já com o José Carlos) é sempre acesa e, por vezes, a aliança dos atletas do Sporting de Braga resulta nos confrontos com o ARDA do Armando Costa. A vitória vai sorrindo a uns ou a outros, quase alternadamente. sempre sem rancores quando a derrota bate à porta. *«(risos) O Armando adora-nos! (risos) [porquê?] Pergunte-lhe! [uma razão] A amizade. Há uma amizade genuína entre nós.»* Amigos, amigos... competições à parte, está visto.

O desporto. Sempre.

A vida do Mário é praticamente dedicada ao desporto, muito embora tenha um sonho fora da actividade desportiva. Perdão... meio fora, meio dentro; assim é que está correcto.

«Tenho um sonho, que é ser psicólogo desportivo. Gostava de ir para a faculdade, tirar o curso de psicólogo na área do desporto, para, futuramente ajudar os meus colegas. Paralímpicos. Na área da deficiência….Eles verem uma pessoa como eles um psicólogo, acho que isso era uma coisa altamente. Por acaso, dizem que gostam de falar comigo. Já sou um bocado psicólogo. Às vezes é uma utopia, porque uma pessoa como nós ir para a faculdade é complicado.» Pode até ser mas promete que vai tentar.

Quanto ao desporto, desde que começou a competir, em 1997, o Mário conta com vários resultados de grande valor, incluindo a vitória em Pares na Taça do Mundo CP-ISRA, em 2007 e na variante individual da mesma competição em 1999, na Argentina, como já foi referido. Para além disso, também conquistou uma medalha de Bronze em 2006, no Brasil, na competição individual do Campeonato do Mundo de Boccia. Agora, a próxima meta principal está posta já no ano de 2012, porque o Mário foi cumprindo sempre os objectivos a que se propôs. Mas falta-lhe ainda cumprir um.

«Falta-me ganhar os Paralímpicos.»









José Carlos Macedo
30 de Junho de 1972
Praticante de Boccia
Paralisia Cerebral

Foi em 1979, *«aos sete anos. Tive uma encefalite. Lembro-me…durante o dia tinha dores de cabeça e vomitava. À noite fomos ao hospital e disseram que não tinha nada. À noite, pela madrugada, deu-me um ataque. Não me lembro de nada.»*

A vida mudou, naquele momento, para o José Carlos. À data, um miúdo como qualquer outro. Um miúdo que ele próprio tem saudades. *«Era normal. Jogava à bola. Andava na escola, na catequese, nos escuteiros. Era lobito. (risos) Ir acampar na praia…era muito bom. Tenho [saudades]… mas o tempo é assim…tudo passa…»*

Recomeçar

José Carlos Macedo tem memória de tudo antes e de tudo depois do momento em que o seu destino mudou. Só desse momento é que não. Antes *«eu só queria a bola. E todos os miúdos amigos me queriam na equipa. Era bom guarda-redes. Jogava bem à frente, mas tinha mais queda para guarda-redes.»* Depois, a recordação é sobretudo a de que passou muito tempo em hospitais, em recuperação. Cinco anos, mais coisa, menos coisa. Só depois disso *«voltei à escola. Em '84. À segunda classe. Tinha doze anos. E andei até ao 11º.»* Um percurso escolar difícil, feito na medida do possível, visto que a dependência dos familiares o obrigou a faltar muito. *«Devido ao trabalho do meu pai. No ciclo faltei uns seis meses. Mesmo assim, consegui passar.»*

E como a vida não é perfeita, o ataque trouxe ao José Carlos mudanças também nas relações pessoais. Os primeiros amigos (os que tinha antes do ataque), perdeu-os quase todos. Mas ganhou outros, *«na escola, no ciclo, no liceu. Ainda tenho um amigo que vai lá a casa todos os sábados.»* Um amigo da segunda classe, o António Jorge. *«Andou comigo desde a segunda classe até ao oitavo e depois disso não me largou.»*

Considera que refez a vida, com base no que há de mais simples e valioso: a família, os amigos e a vontade de continuar a viver. *«Sempre para a frente. Nunca pensei que tivesse parado. Tinha os meus irmãos. Andávamos sempre na brincadeira e com os meus amigos do bairro. Eles jogavam à bola e eu ia ver. Era o treinador. (risos)»*

O amor pelo Futebol nota-se perfeitamente em todo o discurso do José Carlos. Fala disso com um brilho nos olhos. E arrisca que, se não tivesse tido o ataque, teria tido futuro… nos relvados. *«Tenho pena porque acho que tinha capacidade para ter uma vida como gostava: ser jogador de Futebol. [Onde?] (risos) Benfica! (risos) E é sempre bom uma pessoa ser autónoma e ter a vida que quer e isto limita um pouco a vida…»*

O lamento justifica-se não pela impossibilidade de ser futebolista mas por algo bem mais básico. Ao fim destes anos todos, sente falta de poder, por vezes, simplesmente, de estar sozinho. *«Se eu tivesse chateado podia ir até à praia ou isso. Tenho de pedir "quero ir à praia", mas ninguém está disponível a toda a hora.»*

Verdade. A família acompanha-o para todo o lado. Naturalmente, isso exige de todos um grande esforço, físico e psicológico. O José Carlos não é minimamente autónomo e está "preso" à cadeira de rodas que é a sua companhia de todas as horas. Tem uma boa relação com a "amiga", acima de tudo, porque… tem de ser. *«Tenho que gostar. Não tenho outro remédio.»* Mas, apesar dessa relação de "amizade forçada", vê nela uma verdadeira amiga. *«Esta cadeira já tem 14 anos. Foi com ela que ganhei muitos títulos. É a Super-Cadeira. E eu sou o Super... Também vi o Super-Homem*[21]*, em Atlanta. Foi à abertura dos "Jogos". [O que é que sentiu?] Que toda a gente está sujeita a isso, sujeita a ficar numa cadeira e que nunca digam nunca.»*

O Boccia

A chegada ao Boccia aconteceu quase por acaso. *«Tinha eu 19 anos. Em 91. Vínhamos do Futebol, em Ovar, e um senhor falou que tinha uma instituição, perguntou-me se eu queria ir para lá. Eu nem liguei muito. Depois veio uma carta para ir a uma consulta à APPC e lá disseram-me se eu queria ir para o Boccia. E eu disse "Está bem". No dia 13 de Janeiro de 92 vim jogar à bola e conheci o professor Luís Mata, que é o meu treinador até hoje.»*

Em boa hora fez essa opção, garante, porque é uma pessoa extremamente competitiva, com apetite de vitórias. *«Era a única hipótese que eu tinha de praticar desporto. Gosto de competir. Gosto de ganhar. Gosto de mostrar o meu valor. E sei que tenho muita capacidade de jogar, de ganhar. Tenho espírito de campeão e não gosto de perder. Mas sei perder. Não sou como os sportinguistas! (risos)»*

Aprendeu depressa o que é preciso para jogar bem Boccia. José Carlos Macedo revela que é preciso *«ter uma capacidade mental para ler bem o jogo, de saber defender no momento certo e ter uma vontade de ganhar. Só assim é que se consegue chegar ao alto nível. No Boccia nós é que mandamos no jogo.»*

---

[21] - Christopher Reeve, actor que desempenhou o papel de "Super-Homem" em quatro filmes dessa série (entre 1978 e 1987), sofreu um acidente a 27 de Maio de 1995 (quando andava a cavalo) que o deixou tetraplégico. Foi uma das figuras convidadas pela organização dos Jogos Paralímpicos de Atlanta em 1996 para representar a competição. Criou a Fundação Christopher Reeve, para ajudar pessoas com paralisia. Faleceu a 10 de Outubro de 2004.

Sim… O José Carlos não deixa nada para o acaso. A sorte tem pouco a ver com o Boccia, diz ele e superstições… muito menos. *«Não sou disso. Não tenho superstições. Acho que isso não faz parte de mim. [É chegar e jogar] e ganhar*.» Portanto… nada de superstições. Para as competições, só leva a cadeira, a calha, as bolas e muita concentração. *«Só penso na jogada. Não penso em mais nada. Claro que, quando estou numa final, penso em muita coisa. Nos amigos…»* Mas isso não atrapalha? *«Não. Até dá mais confiança. Saber que se ganhar vai toda a gente ficar contente.»*

O Mário (e o Armando)

Mário Peixoto é o nome do mais regular companheiro de equipa de José Carlos Macedo. Vivem na mesma região, são colegas no Sporting Clube de Braga e na Selecção Nacional. Conheceram-se antes de se encontrarem no desporto que agora é o principal elo de ligação entre ambos. *«Via-o na praia. Nunca pensei em jogar Boccia com ele.»* Nessa altura, ainda desconhecidos um do outro, cumprimentaram-se de forma natural e chamou-lhe à atenção a cadeira de rodas, que era comum aos dois mas, confessa, *«não liguei muito. Era mais um.»* Hoje em dia, não é de todo assim. Conhecem-se muito bem e, agora que jogam Boccia juntos, até antecipam o outro pensa. *«É um bom amigo. Um bom jogador. Tem muita precisão no jogo e acho que evoluiu muito no Boccia.»* Talvez porque se entendem tão bem, diz também, *«somos, neste momento, o número um em pares, a nível nacional.»*

São a referência um do outro… e para outros, como diz o José Carlos. *«Eu acho que fui uma influência não só para o Mário, mas para muita gente que joga Boccia.»*

Mas este par tem mais em comum, já o sabemos do capítulo anterior. Armando Costa, outro praticante da modalidade e grande amigo de ambos, com quem partilham tudo em competição, desde camaradagem até uma rivalidade sem igual. Tal como no testemunho do Mário, também o vamos comprovar no do José Carlos Macedo.

A Selecção

Chegado ao Boccia, José Carlos Macedo começou a apresentar bom nível de jogo e a evidenciar-se. Chamou a atenção dos responsáveis técnicos nacionais e foi chamado a representar Portugal. *«Senti-me bem. Senti que tinha capacidade de chegar a um Europeu e ganhar.»* A partir daí, foi sempre a somar. *«Tenho 16 [medalhas internacionais]. Tenho sete de ouro, oito de prata e uma de bronze.»*

Nesse pecúlio, conta com triunfos nos Jogos Paralímpicos, a competição mais importante para qualquer praticante de Boccia. E é neles que o José Carlos encontra as vitórias mais saborosas da carreira. *«Tenho duas. Em Atlanta [1996], porque foram os primeiros Jogos Paralímpicos. E em Sidney [2000], porque ganhei ao Armando! (risos)… e também porque revalidei o título.»*

Confesso que esta relação com o famoso Armando acaba por tornar-se de certa forma fascinante para quem conversa com estes atletas, porque se percebe que o gozo com que se desdenham é igual à força da amizade que os une. Decido entrar nesse "jogo" e tento saber, afinal, como reagiu o Armando à derrota na Austrália. A palavra ao José Carlos. *«Dormi no mesmo quarto do Armando. Nem falámos…»* OK… Não reagiu bem, está visto. Mas fizeram as pazes ou não? *«Ele gosta muito de mim. Neste caso, quanto mais me bates…(risos)»* Eu, inevitavelmente, acompanho o José Carlos nos risos, porque no fundo estava mesmo à espera de uma resposta assim.

Esta picardia é também uma das imagens de marca do atleta de Braga. E faz parte da sua receita para o sucesso. *«É o meu espírito de ir para o campo e ser um jogador agressivo, no bom sentido.»* O tal jogo agressivo de que o Mário Peixoto também falava, quando se referiu às diferenças de estilo entre ambos. O José Carlos sorri quando percebe que é isso que sobressai no seu modo de jogar. Dá-lhe um evidente gozo ser uma espécie de "bad boy" do Boccia e é essa a postura que assume (digamos que é um papel que desempenha, com uma presunção visivelmente intencional) ao descrever-se como *«um jogador temível. Sou um alvo a abater. Eu até gosto de ter as pessoas contra mim. Dá-me mais gosto ganhar! (risos)»*

Na mó de cima… Na mó de baixo…

Voltando à competição e conhecidos os pontos mais altos da carreira internacional de José Carlos Macedo, a questão seguinte passa a estar no extremo oposto. Qual terá sido o pior momento? *«Foi em Atenas [2004], que perdi dois jogos e fiquei eliminado.»* Uma desqualificação prematura que deixou marcas no atleta e de que fala com um ar soturno, a contrastar com o tom da conversa até ali e que pauta durante algum tempo mais o discurso do José Carlos. É que ele foi preterido nas escolhas para a Selecção Nacional que foi aos "Jogos" de Pequim em 2008, interrompendo a carreira paralímpica do jogador. Foi difícil, diz, com mágoa, *«ficar de fora dos Paralímpicos de Pequim. [Porquê?] Foi opção. Havia quotas para meninas.»* Nos últimos anos, as equipas passaram a ser obrigatoriamente mistas no Boccia e isso não permitiu que o José Carlos fosse à China competir. *«Eu até chorei quando soube que não ia. Não é por não ir, mas é pelo esforço que fiz e por sentir que tinha capacidade para estar lá. Houve muitos países que não se importaram de não me ter lá!...»*

Feitas as contas, isso reflectiu-se também no ranking internacional do jogador. *«Agora, 32º, porque estive fora dos campeonatos. O primeiro foi por objectivos e eu falhei. O segundo, por opção. Caí no ranking. Era oitavo. Já fui número um do mundo!»* E como é ser o nº1? *«É bom. É sinal de que temos valor para lá estar. E é sinal do esforço que fazemos durante o ano.»*

Objectivo: Londres

Visivelmente magoado pela ausência em Pequim, José Carlos Macedo aponta baterias para regressar nos Jogos Paralímpicos em 2012. *«Sinto que tenho capacidade para estar lá para ganhar qualquer prova.»* Os resultados já alcançados, por si e pela Selecção, sempre que a representou, ajudam-no a ter essa confiança reforçada. Isso e ainda um outro pormenor. José Carlos Macedo, lembra – com alguma graça – que nasceu *«no dia 30 de Junho de 72, que foi uma geração de ouro para o desporto português, porque sou da idade do João Pinto, do Figo…»* E isso é muito bem visto, não se pode dizer que não.

Para fechar...

Na transposição das entrevistas para o papel, há pequenos pormenores (por exemplo, expressões faciais) que são difíceis ou mesmo impossíveis de descrever. A palavra escrita nem sempre consegue captar a imagem que se tem quando estamos frente-a-frente com um entrevistado. Na conversa que tive com o José Carlos, foi perceptível que a ausência em Pequim fez "mossa", tanto no atleta como no homem. Mas compreendo que isso possa passar algo despercebido a quem recebe o resultado final deste trabalho, porque em quase todas as respostas há risos. E por vezes até gargalhadas. Nada disso me pareceu ter sido forçado mas senti que o riso ajudava a disfarçar alguma tristeza interior relacionada com essa interrupção da evolução na carreira desportiva. Para não ficar, eu próprio, na dúvida, pergunto-lhe se é feliz. *«Dentro do possível…Toda a gente que eu conheço diz-me sempre "parece que tu foste feito a rir". Mesmo quando perco eu rio-me. Não sei se é nervoso.»*

E toda a gente que o conhece acompanha as suas provas. O José Carlos sabe disso, reconhece-o e reconhece a importância dessas pessoas na sua vida desportiva, muito embora confesse que pratica o Boccia, acima de tudo, por si próprio.

«Primeiro pratico por mim. Quero mostrar que tenho valor e que não é por estar numa cadeira de rodas que não tenho valor, e com isso mostrar a toda a gente que sou tanto ou mais do que eles. E, depois, gosto que os meus amigos e a família, e toda a gente que gosta de mim, fiquem contentes.» E ficam. Os elementos da família que acompanharam o José Carlos à entrevista confirmam-no de imediato. Ele mostra-se comovido com isso e continua. *«Eles já sabem que eu agradeço a todos eles por tudo. Eles também têm que agradecer o meu esforço, porque as minhas vitórias também são deles. Eu gosto de ganhar não só por mim, mas por todos os que acreditam em mim.»*

A entrevista chega ao fim. Cumprimentamo-nos e a "Super-Cadeira" vira-se em direcção à porta do pavilhão onde toda a conversa aconteceu. Lembro-me de lhe perguntar ainda se tem algo para dizer a quem não precisa de uma cadeira de rodas para se deslocar. *«Para aproveitar bem a vida, sem exageros, que não vale a pena. Para não desistirem, porque a vida não acaba aqui…»*

Despedimo-nos. O José Carlos sai do pavilhão. Levanto-me, recolho o gravador, volto a pé para o meu carro. Não consigo evitar pensar que fiz bem em ter feito essa última pergunta. A resposta vai fazer-me pensar daquela forma o resto da vida.








Leila Marques
24 de Junho de 1981
Ex-Nadadora
Deficiência Motora

O momento potencialmente mais "incómodo" para um dito "normal", ao encontrar-se pela primeira vez com a Leila, será certamente deparar-se com a ausência da mão direita dela, para a cumprimentar como mandam as "regras da boa educação". Nada que não se resolva – ou, melhor, que ela própria não resolva – de imediato. Dispensam-se os constrangimentos da formalidade de um primeiro contacto e com dois beijos se soluciona o "problema". É realmente muito simples.

Aliás, a malformação congénita do antebraço direito que marca a fisionomia da Leila é, para ela, só isso mesmo: um traço físico, mais visível aos olhos dos outros do que propriamente aos seus. Confessa que até se esquece de que é um pouco diferente. É que, pensando bem, nunca sentiu falta daquela mão.

«O facto de nunca ter tido… é impossível saber a falta que alguma coisa que nunca tivemos nos faz nunca senti, porque nunca tive. E como o meu namorado diz: a figura ideal da mulher é esta, sem braço! (risos) É um molde que foi feito único, que deveria ter sido duplicado e não foi mais! (risos)»

«Já viu a linda coisa que fez?!...»

Há 27 anos, as ecografias eram ainda muito raras, pelo que não foi possível prever que Leila Marques nascesse "incompleta". O braço direito praticamente só ficou formado até ao cotovelo. Não tem a mão direita. Apenas um coto, logo abaixo do cotovelo. Mas só no momento do parto foi possível verificar isso. Um momento sensível e marcante, que ela curiosamente vê de forma ligeira… apesar de um "pormenor" bizarro, difícil de compreender.

«Sempre acreditei que, apesar de ter tido o azar de ter nascido com uma deficiência, tive imensa sorte porque, sem dúvida, há doenças muito incapacitantes. Não me impediu de fazer o que quer que fosse que eu quisesse fazer da minha vida. De maneira que nunca culpei ninguém. Aliás, acho que foi a minha mãe quem carregou esse sentimento de culpa. Ela ainda não me tinha visto e o que aconteceu foi que a enfermeira se chegou perto dela e disse "Já viu a linda coisa que fez?!..."»

Apesar de, por via da minha profissão, estar "treinado" para a regra aplicada ser não mostrar qualquer tipo de emoção, confesso que me fez imensa confusão ouvir o que a Leila tinha acabado de me contar. Mesmo à distância do tempo (quase há 30 anos, e com todas as diferenças sociais de lá até cá), a insensibilidade daquela profissional de saúde chocou-me. Mas mais uma vez, foi a própria Leila quem resolveu o problema. Nunca perdeu o sorriso e explicou-me que o episódio é, hoje em dia, recordado quase em forma de anedota desmistificadora, entre mãe e filha, que se riem da grosseria daquela enfermeira.

De facto, a Leila tem uma óptima relação com a sua deficiência. Desde os primeiros anos de vida. Normalmente, até diz que *«vim fora de horas e com defeito. Porque eu não fui programada. Tenho uma diferença de dez e doze anos para as minhas irmãs, e brinco com a situação. Digo que vim fora de horas e com defeito. Realmente… vim com defeito! E, na sequência desta diferença de idades, [elas] assumiram um papel protector enorme, por um lado. Por outro, também fizeram com que aprendesse a desenvencilhar-me.»*

De tal forma que, mesmo em criança, nunca se sentiu assim tão diferente de todos os outros meninos e meninas. Já eles… não achavam o mesmo.

«A entrada para a Primária. Sem dúvida que foi ali o embate. Não queriam brincar, não queriam tocar. Esse foi o primeiro momento em que notei que havia ali qualquer coisa.»

Do segundo momento, só se terá apercebido bem mais tarde, ao olhar para o álbum fotográfico da família, para recordar a sua primeira festa de anos, que não foi tão "festiva" como seria de supor.

«Naquele primeiro aniversário da criança, em que a casa se enche para comemorar o primeiro ano de vida… É muito engraçado ver as fotografias do meu primeiro aniversário, porque na fotografia estamos apenas eu, as minhas duas irmãs, a minha mãe… e o meu pai, que está a tirar a fotografia, nem sequer aparece. Ou seja, a casa estava vazia, só mesmo com o núcleo familiar. Naquele primeiro ano de vida, foi complicado para a minha família gerir essa situação.»

Talvez por isso, para que fosse um pouco mais fácil a adaptação (ou aceitação) do mundo à sua malformação, em criança contou com uma "ajuda"… que não ajudou muito.

«*Eu usei prótese até aos 12 anos de idade. Como que substituía a mão. E foi sempre uma coisa que eu detestei.»* E detestou porque sempre preferiu ver-se tal como era. Portanto, quando chegou a hora de tomar uma decisão, tomou. *«Os meus pais deram-me, perto dos 12 anos, a hipótese de escolher. E eu acabei por dizer que não queria porque era esta a minha imagem e estava a safar-me tão bem, por que é que haveria de ter ali uma coisa que estorvava mais do que ajudava?...»*

Estava tão segura de si que a reacção do mundo em volta quase lhe passava ao lado, não fosse a "justiça" pontualmente feita pelas irmãs. *«Na rua, realmente, eu acabava por nem reparar que as pessoas olhavam para mim e que paravam na rua mesmo para olhar. Mas era engraçado porque elas próprias se viravam para trás, quando reparavam, e eram desagradáveis com essas pessoas, por elas estarem a olhar para mim. Eu acabava por nem reparar. Só reparava porque elas reagiam à situação.»*

A técnica dos atacadores

Com o passar do tempo, o crescimento e o convívio com pessoas mais velhas, a diferença (que já era pouca, aos olhos da Leila) foi-se esbatendo (ainda) mais. Os olhares de estranheza e alguns comentários desagradáveis dos outros foram sendo substituídos por quase total indiferença para com a malformação ou pela curiosidade de saber, por exemplo, como eram cumpridas algumas tarefas do dia-a-dia.

Eu próprio – porque, no fundo, não sou mais ou menos que os outros – tratei de colocar-lhe a questão que me ocorreu sobre este assunto: qual a técnica para atar os sapatos?

«Para mim, é muito fácil. Os atacadores têm de ter cumprimento suficiente para enrolar em redor do coto. E, a partir daí, é muito fácil. Estando o atacador fixo ao coto… Não consigo fazer aquele movimento do "coelhinho", com as "orelhas" (risos) mas o outro faço perfeitamente!» Eu vi. A técnica resulta na perfeição e a rapidez com que é executada faz qualquer um, no mínimo, levantar a sobrancelha.

Para trás (com o aperfeiçoamento de técnicas como esta) ficaram os ténis com tiras de velcro em vez de atacadores e outras pequenas ajudas desse tipo, já que a Leila consegue fazer tudo no seu dia-a-dia sem elas. Diz mesmo que até agora só não conseguiu fazer uma única coisa, e que só se deu conta dessa incapacidade há muito pouco tempo, no trabalho.

Leila Marques, "M.D."

Sempre foi boa aluna. Aliás, *«a minha mãe nem sequer me dava outra hipótese! (risos)»*, confessa. Por isso, atendendo às boas notas e sentindo a vocação, a Leila escolheu uma carreira na qual muitos dizem não haver grande futuro (ou mesmo futuro algum) para um deficiente motor: a Medicina. O percurso académico até ao Ensino Superior correu bem mas, na "hora da verdade", tudo podia ter corrido de forma diametralmente diferente.

«Sim. Até porque tive imensas dificuldades a entrar para a Faculdade de Medicina. Independente das minhas notas, eu conseguiria entrar para Medicina porque era, nessa altura, Atleta de Alta Competição. Mas tínhamos que apresentar os pré-requisitos físicos e psicológicos, também vinha lá escrita a componente física, e o que é certo é que fui a imensos médicos para que esses pré-requisitos fossem passados e houve vários que recusaram. Até havia uma médica que me seguia desde criança e, apesar de ver a minha evolução, a minha capacidade de resolver as situações que enfrentava, foi a primeira a recusar-se, porque – obviamente, conhecendo-me desde criança – foi a primeira a quem eu fui, e recusou-se a passar esse pré-requisito».

Finalmente, acabou por conseguir, junto de um médico que também dava aulas, precisamente na Faculdade de Medicina de Lisboa. Assinou o documento depois de lembrar à Leila que o estudo e a prática de Cirurgia estariam, de facto, fora do seu alcance mas que a Medicina não e, por isso, não fazia qualquer sentido ter de procurar outra carreira.

Não procurou. Seguiu o caminho que traçou para o seu percurso académico e profissional. Entrou na Faculdade e, só aí, descobriu o seu irritante ponto fraco". *«A única coisa até hoje e que me deixa assim um bocadinho triste por não ter conseguido fazer é, realmente, em relação à minha profissão. A única coisa que nunca consegui fazer foi uma Toracosintese, que é a drenagem de líquido do pulmão quando há um derrame pulmonar, em que é preciso estabilizar muito bem para não se correr riscos de perfurar o pulmão e foi uma coisa que eu tinha ali bastante dificuldade e nunca consegui fazer sozinha. E irrita-me! (risos)»*

Também só nessa altura voltou a ponderar usar prótese. Mas só ponderou mesmo. *«Era a única hipótese que eu punha. Vir a necessitar da prótese para exercer a minha actividade profissional. Dado que também me consegui desenvencilhar muito bem, mantenho a minha opção de não usar.»*

À data desta entrevista, a Leila estava na fase final do curso e da especialização em Medicinal Geral e Familiar. Até já tinha a sua preferência definida: Saúde Materna. E se alguma criança decidir perguntar-lhe pelo «resto do braço», que não tem, já há um "discurso" preparado. Vai dizer-lhe que *«por vezes acontece e que já nasci assim da barriga da minha mãe. Acabo por conseguir fazer as mesmas coisas que eles, e que eles tentem – quando encontrarem um coleguinha de escola que tenha o mesmo que eu – irem conversar com eles e perceber se realmente não é assim. É o que eu costumo dizer às crianças.»*

"Leila-Sán", a nadadora com cinturão

Por falar em médicos e em crianças, eis a história de como a Natação surge na vida da Leila, pelas suas próprias palavras. *«Surge logo desde muito cedo. Perto dos três anos de idade – naquela altura, a Natação era aquele desporto de eleição, não é? Era "bom para tudo" e ainda hoje continua a ser um desporto "de eleição". Mas como sabíamos que eu tinha uma diferença entre o membro superior direito e o esquerdo, iria ter problemas de coluna, provavelmente uma Escoliose*[22] *(e nessa altura ainda se acreditava que a Natação tratava escolioses – coisa que não faz!...). Então lá comecei eu, por indicação médica, aos três anos, no Sporting, no Campo Grande, a fazer Adaptação ao Meio Aquático. Fui aprendendo as quatro*

[22] - Desvio tridimensional da coluna. Para além de desviar para um dos lados, a coluna faz também rotação e inclinação.

técnicas, sempre tive muito à-vontade no meio aquático, gostei e nunca mais parei. Recordo-me de ter visto, nessa altura já, perto dos 8/9 anos, a Susana Barroso[23]*, que é sem dúvida, uma das atletas de referência que eu tenho. Recordo-me de a ver lá, a treinar, com o treinador que, posteriormente, ainda foi meu. E foi assim que surgiu, por indicação médica, mas o gosto fez com que eu nunca mais parasse.»*

No entanto, do simples gosto pela modalidade até à competição, o percurso foi mais complexo do que se possa imaginar.

Sem dúvida que havia *«gosto pela modalidade… mas tal como havia gosto pela Natação, havia gosto por muitas outras modalidades. Desde Karaté, Ginástica, Trampolim… eu fiz tudo e mais alguma coisa, porque já havia essa cultura na minha família (as minhas irmãs tinham feito imensos desportos).»*

Karaté? Com apenas um braço completo? Isso é possível? E "malha-se" bem só com um braço? *«Sim. Muito! Eu tinha imenso jeito para o Karaté! Até porque tinha um Mestre que achou muita piada ao facto de eu não ter a mão direita e investiu em mim também por isso. Ou seja, eu tinha umas pernas com muita força e flexibilidade maior que a das outras crianças da minha idade e ele apostou imenso nessa parte. Participei em alguns torneios onde notava que os adversários retraíam-se um bocadinho de início e eu aproveitava-me desse facto, obviamente. (risos) Não ia ficar… fazer-me de hipócrita e não notar nesse aspecto! De maneira que avançava logo com um belo golpe de pernas (risos). E começava por abrir sempre bem um combate!»*

Por gostar tanto de fazer "tudo e mais alguma coisa" (e sobretudo do Karaté), quando surgiu a proposta das GesLoures[24] para integrar a equipa de Natação Adaptada, ainda pensou duas vezes.

«Demorei um ano… um ano e meio a aceitar essa proposta. Porque sabia que quando dissesse que sim teria que me empenhar muito mais na Natação e as outras coisas ficariam para trás. Sempre fui uma criança muito "rude", muita brincadeira e gostava imenso do Karaté na altura. E então, perto dos 11… 12 anos, decidi aceitar o desafio de deixar a minha aula normal de Natação e integrar a equipa de Natação Adaptada de competição.» Dois anos depois, fazia a primeira prova e, pouco tempo após essa estreia, já com 15 anos de idade, participou nos Jogos Paralímpicos de Atlanta (Estados Unidos).

---

[23] - Atleta portadora de deficiência motora derivada da doença Charcot-Marie-Tooth, que participou nos Jogos Paralímpicos de 1992, 1996, 2000 e 2004, tendo conquistado 6 medalhas (3 de Prata e 3 de Bronze), sobretudo na sua prova mais forte, os 50m Costas.

[24] - Empresa Municipal de Gestão de Equipamentos Sociais de Loures; gestora, por exemplo, das Piscinas Municipais, onde a sua equipa de Natação/Natação Adaptada desenvolve a sua actividade; local onde foi realizada esta entrevista, também.

De "benjamim" aos 15 a "reformada" aos 27

Foram os seus primeiros Jogos Paralímpicos, os de Atlanta, a que chegou quando tinha apenas 15 anos.

«Foi fantástico! Só tinha ido, no ano anterior, ao Campeonato da Europa em França sem os meus pais, de maneira que este era o segundo período que eu ia, assim, por uma grande temporada, sem os meus pais, para fora. Só por aí, já era fantástico. Depois, a primeira vigem intercontinental; começou logo por aí, também. E, depois, sem dúvida, o ambiente que são uns Jogos Paralímpicos. Ainda mais, numa adolescente de 15 anos, foi mesmo uma coisa fantástica.»

Na altura, ela e o "compincha" Bruno Freitas (um ano mais velho que a Leila) foram os dois únicos nadadores a estrearem-se na comitiva portuguesa, composta por nadadores que já tinham participado nos "Jogos" de Barcelona, em 1992. A integração não foi fácil, *«porque na altura houve assim um bocadinho de discriminação, apesar de ser sobre pessoas já discriminadas à partida… Dentro do grupo, ainda houve ali um pouquinho de discriminação em relação a mim e ao Bruno, que éramos os novos atletas no grupo da Natação.»*

Os dois adolescentes, fluentes no Inglês, acabaram por "safar-se" muito bem e *«as experiências foram óptimas, metíamos conversa com toda a gente, corríamos a Aldeia [Olímpica] toda, quando podíamos – depois das competições e com os mais velhos, naturalmente – íamos para o centro de Atlanta e adorávamos a experiência… E a cerimónia de Abertura, ver a primeira chama a acender, foi um momento fantástico e o mais importante de todos!»*

Depois de Atlanta, seguiram-se as participações nos Jogos Paralímpicos de Sidney no ano de 2000 e de Atenas em 2004. Pelo meio, medalhas internacionais conquistadas em 2006 na África do Sul e na República Checa em 2007. Finalmente, em 2008, os "Jogos" de Pequim, onde conseguiu bater o seu Recorde Pessoal nos 100m Bruços.

Finalmente, porque estava decidido que a carreira terminaria na China. *«Acabou. Em Pequim. Porque já eram muitos anos. Eram muitos anos de investimento e muitas outras coisas deixadas para trás. E, sem dúvida, que estava a ficar velha para a Natação! Gostava realmente de terminar com os Jogos Paralímpicos, enquanto conseguisse chegar a uma final, e seria muito difícil, se calhar, em 2012, estar numa final. Foi, sem dúvida, ao fim de 13, 14 anos de competição, foi a melhor altura para abandonar até porque tenho imensos outros projectos que vou ter tempo para os fazer.»* Com este pensamento, a Leila ia mesmo fechar a carreira com a participação em Pequim, com a sensação do dever cumprido.

Em jeito de balanço, fazendo as contas a uma carreira em que esteve praticamente sempre ao mais alto nível, em alta competição, a Leila diz que fez *«um bom percurso»*, o que, segundo ela, é mesmo muito bom, visto que se considera extremamente exigente. Só falhou um "pormenor": *«Ganhar uma medalha nos "Jogos", sem dúvida, Era o que eu gostava de ter atingido. Sempre soube que seria difícil lá chegar. Não tenho todas aquelas características anatómicas dos atletas de alta competição. Sou baixinha, tenho tendência a ganhar peso facilmente. Foi mesmo a casmurrice que me ajudou.»*

Sr.ª presidente, sr.ª adepta... das pipocas e da Coca-Cola

Saudades… sente. Mas lida bem com isso. Nada hoje muito menos do que nadava antes e opta mais por trabalho de ginásio. *«A Natação é um desporto extremamente monótono e solitário. E foram muitos anos disso.»*

Mesmo com algum medo de sentir o *«vazio»*, habitual em quem termina um projecto de longa duração, partiu para outra fase da vida, à procura de algo que já tinha alcançado no desporto. *«Eu achava que já era reconhecida e valorizada pelo meu esforço na Natação, mas na Medicina isso ainda não tinha acontecido. A partir do momento em que comecei a ter mais tempo, surgiram imensos convites e projectos para trabalhar no mundo da medicina, por reconhecimento do esforço que já vinha a fazer nessa área. No fundo, continuo a ter a mesma correria de vida (risos).»*

Mas o futuro, para lá do fim da carreira como desportista, não lhe reservou apenas uma carreira na Medicina. Está a fazer o percurso para ser Classificadora Internacional de Atletas Paralímpicos (que avalia do ponto de vista médico as capacidades de cada desportista analisado) e aceitou um novo desafio, de grande responsabilidade. Em Abril de 2009, foi eleita Presidente da Federação Portuguesa de Desporto para Deficientes, tornando-se a primeira mulher e a pessoa mais jovem de sempre a dirigir a estrutura federativa. Cargo em que também já passou o testemunho, a José Carlos Pavoeiro.

Durante a entrevista, feita antes da eleição para presidente da FPDD, a Leila disse-me que, acontecesse o que acontecesse, seguramente estaria em Londres. *«Vou lá estar, garantidamente, na bancada! Com um pacote de pipocas gigante – que é o meu maior vício – e uma bebida de Coca-Cola – que é outro vício –, a vê-los esforçarem-se fisicamente e eu a ganhar peso nas bancadas a apoiá-los!»*

Pronto. É isto. Haja boa disposição. E... pipocas. E Coca-Cola, claro.

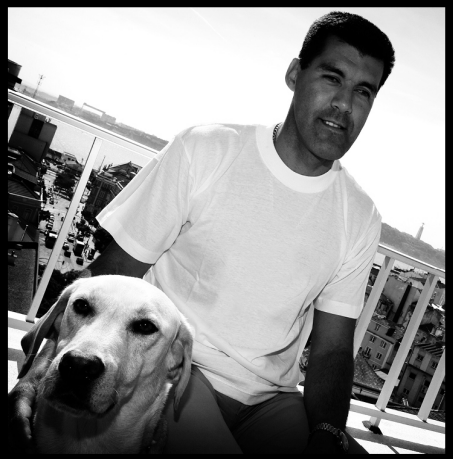




























Marco António
24 de Abril de 1976
Jornalista

Este testemunho é diferente de todos os anteriores. Acima de tudo porque eu sou um dos ditos "normais". Por oposição a todos os entrevistados para este livro, não tenho deficiência de qualquer tipo, embora (como qualquer ser humano - com ou sem deficiência) esteja longe da perfeição idealizada e desejada por quem quer que seja a um determinado momento na vida. E tenho uma pequena história para contar.

Em tempos - muito antes de ser o que sou hoje: adulto, jornalista, pai - fui atleta de competição. Pratiquei Atletismo desde os meus 13-14 anos até aos 21, altura em que algumas lesões sucessivas e a prioridade aos estudos ditaram o fim de uma "carreira desportiva" que nunca o chegou a ser de facto. O meu trajecto fez-se, sobretudo, a nível regional (nas competições distritais de Coimbra e da região Centro) e menos em provas nacionais. O meu nível competitivo, apesar de não ser mau, era simplesmente mediano. Ainda assim, reconhecendo as minhas limitações físicas para mais e melhor, adorava o que fazia e tentei desfrutar ao máximo desse período da minha vida, paralela à dos estudos e de outras actividades próprias daquela faixa etária.

Em pista, fui quatrocentista. Também corri provas de velocidade pura, como os 100 e 200 metros (e inclusivamente algumas de 300 metros, uma distância não olímpica que, por acaso, até era a minha favorita de todas as provas que fiz) e Estafetas de 100 e 400 metros, mas foi pelo Meio-Fundo que comecei. Lembro-me que a minha prova foi de 800 metros, de que fiz algumas corridas de 1000 (outra distância não olímpica - também do meu agrado) e 1500 metros em pista, bem como algumas provas de Estrada e ainda algumas de Corta-Mato.

Correr e competir era por vezes um prazer, mas também uma tortura dolorosa noutras ocasiões. Acho que é assim para todos os atletas. Eu não era excepção. Mas quem corre por gosto…

Ora… (e aqui vai uma das minhas muitas imperfeições) como não sou particularmente brilhante na memória para datas e nomes, infelizmente não consigo localizar esta história no tempo, nem - muito mais infelizmente! - recordar a identidade da protagonista. Sei que foi em meados da década de 90, por ocasião de uma competição de dois dias que decorreu no Estádio do Fontelo, em Viseu. Foi necessário a minha equipa (de Coimbra) pernoitar na cidade e, nessa mesma noite, de sábado para domingo, decorreu também na pista do Fontelo um *meeting* de Atletismo (se não me engano, o *meeting* anual da Queima das Fitas de Coimbra, ali disputado por não existir ainda pista sintética na "cidade dos estudantes"), destinado a atletas convidados, que aproveitavam para fazer marcas que lhes possibilitassem o acesso a competições internacionais de relevo. Como estávamos na cidade e só tínhamos mais provas na manhã seguinte, fomos assistir ao *meeting.*

No "meio" das provas dessa competição, uma destoava. Uma prova feminina de Meio-Fundo, para atletas com deficiência. Mais uma vez, a memória atraiçoa-me, mas julgo que se tratava de 3000 metros para atletas com Paralisia Cerebral. Confesso que não consigo precisar. Ao que percebi na altura, a prova foi incluída no programa do *meeting* porque havia uma atleta com possibilidade de fazer um tempo de grande importância, que necessitava oficializar e aquela era a melhor ocasião para o fazer. A existência daquela prova naquele *meeting* ao início fez-me confusão, confesso. Nunca tinha assistido a qualquer competição para pessoas com deficiência e o pouco discernimento da idade que tinha à data também ajudou ao "desconforto" que senti ao presenciar uma prova do meu desporto com pessoas "diferentes".

O tiro de partida soou para o início da corrida. A atleta em causa depressa se distanciou as adversárias, claramente mais fracas e, volta após volta (com a ajuda do *speaker* de serviço) o burburinho na bancada foi crescendo. O ritmo da corredora e os tempos de passagem às primeiras voltas indiciavam que o tempo final poderia vir a ser, de facto, muito bom. Especial, até.

À entrada para a última volta, então, ouviu-se no sistema de som do estádio que, se nada de anormal acontecesse, iríamos assistir à queda de um recorde do mundo. De repente, apercebi-me da real importância daquilo que estava a ver e deixei de olhar para quem corria na pista como sendo diferente de mim. Aliás, dei mesmo comigo a pensar como seria espantoso estar numa pista de Atletismo a correr numa prova em que um recorde do mundo fosse quebrado; naquela, por exemplo (esquecendo-me, obviamente, que, para o caso, nem era mulher, nem tinha deficiência).

Última curva. Última recta. O público na bancada do Fontelo - eu incluído - aplaudia de pé para dar força à atleta destacada na frente da corrida. Meta cortada e a confirmação: novo recorde mundial! Que belo momento! Especial, como só um recorde do mundo possibilita no Atletismo!

Os anos passaram. O facto de a prova ter acontecido num "meeting" nos anos 90 não ajuda nada na pesquisa de registos oficiais. Principalmente, nos últimos anos (mas já o tinha feito antes), tentei por vários meios identificar a atleta recordista do mundo naquela prova. Em vão. Espero que um dia venha a saber. Porque até hoje, apesar das falhas de memória que me levam a contar esta história incompleta, não me esqueci de ter estado lá, de ter vivido aquele momento, de ter ganho o respeito que não tinha pelo desporto para pessoas com deficiência, de ter visto acontecer aquele que ainda é o único recorde mundial que presenciei.

Quando embarquei nesta aventura de escrever um livro sobre os atletas paralímpicos foi desse momento que me lembrei. Tal como a esmagadora maioria dos portugueses, era (e, na verdade, considero que ainda sou) dos que desconhecem profundamente a realidade do desporto para pessoas com deficiência. Mas, é crença minha de que, a poder fazer algo para inverter essa tendência, seria uma "obrigação" pessoal obter e divulgar os testemunhos de quem faz do desporto paralímpico a sua vida e que representa Portugal, pelo menos com tanto fervor como os ditos "normais" que admiramos com tanta facilidade. Com a diferença (e ironia) de que os nossos paralímpicos até conquistam mais títulos…

Sei hoje mais do que sabia em relação a este mundo. Espero ter ajudado outros a saberem também um pouco mais do que sabiam.

Quanto a 2012, os dados estão lançados. Com base no passado, no presente e a olhar para futuro do desporto paralímpico português, é agora a vez dos "novos" segurarem o testemunho que os seus antecessores lhe passam e prosseguir o trabalho que tem vindo a ser feito e melhorado ao longo dos anos. A tocha olímpica é agora deles. Em 2012 estaremos todos em Londres. Todos. Os portugueses com e sem deficiência. Representados por quem (como o Carlos Lopes, o Luís Carlos Gonçalves, o Carlos Baptista Pereira, a Sara Duarte, a Luísa Silvano, o Bento Amaral, o Lenine Cunha, o Hugo Passos, o José Carlos Macedo, o Mário João Peixoto e a Leila Marques) fez do desporto o meio de superação por excelência... e com excelência. Resta a Portugal orgulhar-se deles... e de si próprio, por eles.

Marco António

TESTEMUNHOS DE OURO



Marco António nasceu na pequena cidade de Rheine, no Nordeste da (então) República Federal da Alemanha, em Abril de 1976. É casado e tem uma filha. É licenciado em Comunicação Social pela Escola Superior de Educação de Coimbra e iniciou o seu percurso profissional em 2002, primeiro na rádio, passando depois para a televisão. Integra a tempo inteiro, desde Março de 2006, a editoria de Desporto da TVI.



Júlio Barulho nasceu em Outubro 1969 no Barreiro. É casado e tem um filho. Em 1988, concluiu o 12º ano na Escola Secundária do Barreiro, e em 1990/91 o Curso de Fotografia – Técnicas de Laboratório a Preto e Branco. Integra os quadros da TVI a partir de Abril 1999, onde é, actualmente, repórter de imagem, tendo realizado trabalhos no Paquistão, Afeganistão, Turquia, Brasil, Iraque, Moçambique, Angola, Israel, Timor, Gana, Canadá, China, Sul da Argélia, entre outros.

Trabalhos Premiados

- 2005 - Prémio atribuído pelo Ministério do Trabalho e Segurança Social, sobre o tema: "A Família na Comunicação Social". Peça Premiada: "O Caminho da Sabedoria"

- 2008 - Prémio AMADE 2007, atribuído pela UNESCO e pela AMADE (Association Mondiale dês Amis L' Enfance), no 48º Festival Internacional de Televisão do Mónaco. Peça Premiada " Infância Traficada ", cerimónia presidida pelo Príncipe Alberto II do Mónaco. Este prémio visa salientar o trabalho televisivo que promove os ideais contra a violação dos Direitos Humanos

- 2009 - 2º Lugar no 16º Festival Ibero-Americano de Jornalismo. Peça Premiada: " Infância Traficada ". Cerimónia foi Presidida pelo escritor Gabriel Garcia Marques. O festival recebeu mais de 600 trabalhos Jornalísticos de todo o mundo

- 2010 - Prémio TV7 Dias, melhor Grande Reportagem de 2009: "Infância Traficada"

- 2011- Prémio DIGNITAS, que distingue o melhor trabalho jornalístico, que promova a dignidade das pessoas com deficiência os seus Direitos Humanos e a inclusão social. Reportagem premiada: "Asas de Ferro", sobre a Paralisia Cerebral

Agradecimentos

CPP – Comité Paralímpico de Portugal
FPDD - Federação Portuguesa de Desporto para Pessoas com Deficiência
ACAPO - Associação dos Cegos e Amblíopes de Portugal
ANDDI - Associação Nacional de Desporto para a Deficiência Intelectual
Complexo Desportivo da Rodovia (Braga)
EUL - Estádio Universitário de Lisboa
SnackBar/Restaurante "Stadium" (EUL)
Centro Equestre João Cardiga
Quinta da Paiva/Centro Hípico de Miranda do Corvo/Parque Biológico da Serra da Lousã
Câmara Municipal da Maia
Centro Desportivo Nacional do Jamor (IDP - Instituto do Desporto de Portugal)
GesLoures - Gestão de Equipamentos Sociais, E.M., Loures
Professor Luís Mata
David Maia
João Lobo (MediaCapital Rádios)
Andreia Miranda
António Jacinto
Maria Lanita

MARCO ANTÓNIO
COM FOTOGRAFIA DE JÚLIO BARULHO



TESTEMUNHOS DE OURO

COMITÉ PARALÍMPICO
PORTUGAL